

O CORREIO

Director
Jorge Santos

SEMANARIO MONARCHICO

Editor
José Antonio Fontes, Sobrinho

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Passos Manoel, 177-1.º — Porto

Composto e impresso na Typographia de Arthur José de Souza, Largo de S. Domingos, 67 — Porto.
Agencia em Paris: Alvaro Pinheiro Chagas — 6, Rue Duban
Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo, 12

Proprietario — MARIO ANTUNES LEITÃO

1.º ANNO — N.º 14 — Avulso 20 rs.

Sabbado, 8 de Março de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 52 n.ºs, 15000 reis — Serie de 26 n.ºs, 9000 reis. Estrangeiro: (Paizes da União Postal) — serie de 52 n.ºs, 15 francos (ou 28000 reis). Series de 26 n.ºs, 8 francos (ou 16000 reis). Brazil: serie de 52 n.ºs, 60000 reis (moeda brasileira). Studio a cobrança feita pelo correio, accresce 20 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.
ANUNCIOS — Na secção de annuncios: 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

SUMARIO

A Republica e o Ultramar portuguez — AYRES D'ORNELLAS.
Notas de um lisboeta — ANSELMO.
Echos.
Julhão Duarte Monteiro.
Os bons tempos da tropa — S. P.
Episodios da primeira incursão monarchica — Um rasgo d'audacia — JOAQUIM LEITÃO.
Semana mundana.
O serviço militar — SATORIO PIRES.
Folhetim — A Chica — Em Cascaes — ANSELMO.
Republica e Monarchia — H. DE PAIVA COUTEIRO.
As cadeias da Republica — Padre Avelino de Figueiredo — J. L.
Carta de Lisboa.

A Republica e o Ultramar portuguez

No primeiro artigo que escrevemos logo no primeiro numero d'este seminario — *Portugal na balança da Europa* — apontavamos como o simples facto da existencia da Republica constituiu um perigo nacional; como em presença da politica de entendimentos que entrara a Gran-Bretanha, a existencia de uma nacionalidade decapitada, fornecia perigosamente a materia prima para que essa fórmula geral se effectuasse. A Gran-Bretanha já reconhecera a necessidade de dar uma saída a expansão da sua rival. E o ponto do globo onde essa expansão criaria menores difficuldades, também diziamos ser a Africa, e n'aquella região para onde o accordo franco-alemão de novembro de 1911 deixara ameaçadoramente crescer dois longos tentáculos allemães.

Da data d'esse artigo para cá, bem curtos tres mezes, assombrosa tem sido a carreira de criminosos desvarios que o paiz de Lisboa vem offerecendo ao mundo a um tempo attonito e horrorizado. Um ministro revelando na sua profissão de carcereiro a sua alma de comitê de galés, outro prestidigitador de feira reduzindo milhares de contos d'um deficit com a mesma arte com que o Linglook engolia espadas, senhoras passeiadas em carros cellulares pelo facto de serem senhoras, uma commissão official declarando de milhares de contos uma divida que uma arbitragem reduziu a 20, e o silencio d'escravos com que assiste a tudo o grupo de individuos que se reune agora habitualmente no antigo Palácio das Cortes Portuguezas, todo esse espectáculo publico a um tempo barbaro e torpe, vem dia a dia produzindo a convicção fundada de que uma nacionalidade que não reage nem em si propria encontra o meio de sacudir tão oppressivo jugo, é d'aquellas que a historia sentenciava de morte, pertencendo aos vivos liquidar-lhe a herança.

O annuncio official já está feito; já o publicou a Imprensa Diaria; já não é nenhum segredo d'Estado. Actualisou-se o Convenio anglo-alemão de 1898. Tal é a fórmula agora encontrada. Actualisou-se. Mas o que dispunha esse Con-

venio? A partilha do Ultramar africano portuguez entre a Gran-Bretanha e a Alemanha quando as circunstancias levassem Portugal a ceder essa gloriosa herança. A politica internacional d'El-Rei D. Carlos deveu o paiz nunca terem surgido as circunstancias que motivassem tal cessão.

Mas D. Carlos foi assassinado... e o Paiz deixou. Depois proclamou-se a Republica... e o Paiz deixou. Succedense o Terror Carbonario... e o Paiz deixou. A Nação Portugueza tem um só direito colectivo, o de aguentar e callar, um só direito individual, o de ir parar á Penitenciaria. E lenta, mas seguramente, sobre a propria vida da nação, o terror vai chumbando a campa affrontosa do fim d'uma raça.

Então a Europa actualisou o Convenio. A Republica desentendeu o que a Monarchia sepultara. E dos confins do ceu tão carregado das nuvens do temporal, por entre o clangor de guerra que vem fazendo soar os clarins, as aguias vão apitando o vôo sobre a prós lusitana. O Convenio renova-se applicado á actualidade. Um operador de partos que a Republica fez sentar na cadeira do ministro dos negocios estrangeiros, descobriu para ceder parte do Territorio Nacional, os legitimos direitos da Alemanha no Sul da Provincia d'Angola. E sobre a Provincia toda que a Alemanha pretende agora legitimar esses direitos. Porque o Convenio não só reaparece, como torna a nova forma: Angola allemã, Moçambique para a Gran-Bretanha.

Não é isto um devaneio nem uma hypothese levantada contra o Regimen. É esta a resposta unica dos homens d'Estado da Republica. Depois do reconhecimento official dos seus legitimos direitos a Alemanha não tem largado de não o assumpto. E ao passo que alli se declara aos interessados em negocios d'Angola que esperem pela proxima Soberania allemã, por outro lado ha já quem, tendo lá interesses, se prepara para essa eventualidade que é tida como segura.

E de animo leve que a Gran-Bretanha a encara? Por certo que não. Mas também já reconhecem a necessidade de lhe abrir campo á expansão. E tem que entrar em linha de conta o que essa expansão tem de formidável.

Uma industria colossal, uma agricultura intensiva, um esforço militar sem precedentes, uma acção naval que em breve não terá superior, uma intellectualidade aggressiva e dominadora, fazem soffocar o Imperio entre os seus apertados limites europeus. Recem-chegada na politica ultramarina, o seu Imperio no Sudoeste ou no Leste africanos é de rendimento inferior e não absorve o excedente da produção nacional. E esta situação é por tal forma irreductivel que já arrasta aos armamentos militares o proprio partido socialista. Amanhã, com a partilha do Oriente, ella já lançou sobre a Asia Menor o brado faldico — *Onia nominos leo!*

Peraente esse espectro, que não é uma sombra, em frente a uma ameaça nos seus mais vitais interesses, é do proprio interesse da Gran-Bretanha achar uma solução africana ao problema allemão. E a Republica Portugueza que deter-

mina a Angola allemã. E'ahi menos perigosa a presença do capacete prussiano do que no flanco do Imperio dos Indios. A questão está posta, já chegou á Imprensa, e não são as negações do sr. Costa que alteram ou modificam os factos.

Só falta uma coisa. E' que o Paiz deixe. E' que o Paiz deixe fallir a Industria algodoeira. E' que S. Thomé deixe perder o recrutamento da sua mão d'obra. E' que os milhares de colonos e funcionarios portuguezes que da Provincia ou na Provincia vivem se deixem expropriar pelos allemães. E' finalmente que o Paiz olvidado do seu passado, renunciando á sua historia, castrado da sua energia, estenda os pulsos ás algemas da escravidão. *Ou estará elle já morto!*

Paris, 25-Fevereiro-913.

Ayres d'Ornellas.

Notas de um lisboeta

O presidente

Sabem quem dirigi esse conselho, onde se apreciava e decidem as qualidades de energia, de illustração, de tactica, de saber profissional, de aptidão para o commando, das officinas que, por distincção ou escolha, há-de ascender ao generalato? ... é o sr. José Nicolau Raposo Botelho, o ex-ministro da guerra do sr. D. Manuel, em 5 de Outubro de 1910...

(Do O Dia).

O conselho examinara as qualidades de tres ou quatro coroneis que ambicionavam o generalato, e o sr. Raposo Botelho a todos torceia o nariz, julgando-os pouco aptos, cada qual por seu motivo, para a elevada patente que pretendiam:

— Vocês bem veem, dizia o audaz general luzo aos seus collegas, é preciso ser rigoroso, porque, emfim, é indispensavel dignificar o exercito. O primeiro candidato, francamente, pareceu-me tolo... Aquella historia de dar a vida pela honra da sua farda, pela defeza da sua bandeira, pela gloria da sua Patria... Não... o homem era tolo ou não estava bom da cabeça... Talvez seja maluco... Vocês sabem... agora ha muitos romances... cousas historicas... lerias... e muito baratas... De forma que toda a gente lê, e lê tudo, sem escolher... Depois o resultado é este... dá-lhes volta ao miolo... é prompto... Emfim.

E o sr. Raposo Botelho fez um gesto como quem dizia que tinha muita pena, mas que a verdade era aquella. Depois continuou:

— O segundo... do segundo é melhor não fallar... porque... porque... esse então não sabia nada, pela palavra nada... Vocês bem viram quando eu lhe perguntei: *Então o que é que o senhor fazia se de repente lhe apparecesse o inimigo?* O que respondeu elle?... *Tolices...* Que fazia isto assim, se o caso fosse este; que fazia aquilo, se o ataque fosse d'aquella maneira... e mais

para aqui, e mais para acolá... E por mais que eu apertasse, por mais que eu insistisse o diabo do homem nunca foi capaz de responder o que tinha que responder, o que ha a fazer em frente do inimigo, isto é, que tomaria as providencias conducentes ao fim que se tivesse em vista! E queria elle ser general!... Ora adeus!... Não é verdade?

Calou-se Sua Senhoria um momento como que á espera da resposta dos seus collegas. E como estes se conservassem silenciosos o sr. Raposo Botelho proseguia com ar melancolico:

— E o terceiro?... O terceiro fez-me pena... Um homem forte, illustrado, com uma boa folha de servicos... Mas que ideias, men Deus!... que ideias!... Quando elle se me sahiu com aquella ideia... Ah! como é que elle dizia?... Esperem... Ah!... *Todo o official deve ser fiel ao seu juramento, etc., etc.,...* por alli fóra... Fez-me pena... E depois aquella historia... Ah! como era?... *Antes a morte que a deshonra...* Vejam lá vocês, que ideias... Se todos fossem assim nunca havia homens deshonrados... Perdia-se a honra... pum!... tiro... Coitado!... Este, francamente, fez-me pena... Conheci-o ainda rapaz, e palavra de honra, nunca suppoz... Emfim... consas da vida... Talvez elle tenha tido desgostos...

E ficou-se pensativo. Depois exclamou: — Sim... mas desgostos também eu já tive... Ainda hontem... lá em casa. Imaginem vocês que a creada ao fallar-me não me chamou conselheiro... Tive de a pôr na rua... E isso desgostou-me... francamente desgostou-me. Eu não gosto de fazer mal a ninguém... E depois, o diacho da rapariga fazia um feijão frade que era uma delicia... Mas emfim é preciso que haja respeito... e pul-a na rua... Mas tive um desgosto a valer, palavra de honra...

Houve um largo silencio durante o qual Sua Senhoria pareceu recordar sandoso ou o official, ou a creada ou o feijão frade.

— O quarto candidato ainda assim era o melhor, continuou depois o sr. Raposo Botelho. Até certa altura respondeu bem... Repararam?... *O que faz o senhor quando avistar o inimigo?* perguntou-lhe eu. *Escondo-me,* respondeu elle. *E se o inimigo o descobrir?*... *Fujo...* Eu então para o entalar perguntou-lhe á queima-roupa: *E se o inimigo o apañar?* Pois respondeu logo: *Bendo-me...* Até aqui foi bem... Mas depois, meninos foi uma desgraça. *E se o inimigo não der quartel?*... Vocês viram a resposta com que elle se sahiu: *Dormirei ao ar livre...* Que disparate!...

E o sr. Raposo Botelho, levantando as mãos ao ceu, exclamou espavorido:

— E queria ser general um homem que não sabe que não dar quartel quer dizer *mata, esfolta, não estasas com machadas de fazer prisioneiros!*... Imaginar que não dar quartel quer dizer não dar casa para aquartelar o regimento!... E havia a gente de fazer general um homem d'estes!...

Depois, succumbindo, murmurou:

— Já não ha officiaes... Já não ha...

Anselmo.

ECHOS

Legação em Paris

Espiões e traidores

O sr. Soriano

Um exemplo

A professora do Freixo, no concelho de Foz-Côa, dirigiu ao director geral da Instrução Primaria a seguinte carta :

«Ex.^{mo} Sr.—Maria Camilla Sobral, professora official da escola para os dois sexos da freguezia de Foz-Côa, tendo sido censurada pelo respectivo ex-inspector, em razão de ter ensinado a doutrina christã fora das horas escolares, e como, devido á educação que teve e aos seus sentimentos religiosos, não pôde supportar de animo submisso que as suas creanças catholicas sejam offendidas, pretende ser exonçada do seu cargo; e assim — pede deferimento. Touça, 8 d'agosto de 1912—*Maria Camilla Sobral.*»

Está succedendo em Portugal uma cousa curiosa: As mulheres estão dando provas d'um desassombro e d'uma coragem que habitualmente se notavam só nos homens, e os homens estão demonstrando um espirito de intriga e de mexericos e de uma cobardia, que era, em geral, spanagio das mulheres.

Pois valha-nos isso... Que ao menos a Mulher Portugueza salve a honrada fama de altivez e coragem de que gozava a raça portugueza, e que os homens não soberanar manter.



Caracteres

Os *Ridiculos* que tem tido numeros admiraveis de espirito e de razão, publicaram ultimamente um artigo que é primoroso e que temos pena de não podermos, por falta de espaço, transcrever.

Diz esse nosso illustre collega que uma das vanidades da mudança de regimen foi dar logar a que se definiu o caracter de millesima gente, desde os famosos monarchicos ferozes, adúlteros da familia real e hoje republicanos intrasigentes até aos catholicos, muito tementes a Deus, e que deram agora em *tiere pensadores.*

Os *Ridiculos* tem carradas de razão. A proclamação da Republica e estes tres annos que se lhe tem seguido, como já os dois annos que se seguiram ao regicídio, puzeram a claro o caracter de tanta gente, d'uma tão grande maioria mesmo, que nos parece que em Portugal só ha uma de duas coisas a fazer: ou mandar tudo para a costa d'África ou mandar por ao longe de toda a fronteira umas grades de ferro com a tubuleta... essa mesmo que o leitor acaba de dizer consigo.



Almirante

Conta o nosso illustre collega o *Dia* que o sr. Nunes da Matta sempre conseguiu entrar no almirantado, continuando illegalmente na Escola Naval.

Folgamos sinceramente com a promoção de illustre senador.

A marinha portugueza de alguma forma é compensada assim da falta de navios.

Se os houvesse, claro está que muito pouca gente poderia alcançar altas patentes que implicariam responsabilidades graves perante o país e perante o thesouro.

Mas como não ha navios todas essas promoções são na marinha um pouco brincadeiras de creanças sem resultados de maior gravidade para o país, e portanto não vemos inconveniente que o sr. Nunes da Matta que tem estado a brincar *aos senadores* no palacio de S. Bento, passe a brincar *aos almirantes* na Escola Naval ou onde o quizerem collocar.

E' questão do paiz lhe pagar mais uns tantos mil reis por mez.

Isso não tem importancia. O sr. Affonso Costa em menos de um phosphoro arranja uma economia que valha dez vezes esse augmento de despeza.



Errata... que o não é

Alguem nos communica não termos sido justo com o sr. Sarsfield quando na *Nota d'uma Lisboa* do numero anterior dissemos que elle estava condemnando homens que tinham feito uma cousa que elle nunca soubera fazer: arriscar a vida pelas suas ideias.

Ao que parece o sr. Sarsfield em 43 esteve nas campanhas de Africa e portou-se bem.

Pois n'esse caso ainda poré é ter-se agora portado mal.

Um militar que teve a honra e a felicidade de arriscar a sua vida pela honra e pela gloria da bandeira azul e branca ao lado de Monzinho de Albuquerque, tem menos que ninguém o direito de se associar aos crimes dos que enxovilharam essa bandeira e a substituir por uma outra que só pode symbolisar o 5 de Outubro, isto é, a traição d'um exercito e a cobardia de um povo.

O sr. João Chagas dirigiu ao *Intransigente* a seguinte carta que tomamos a liberdade de transcrever por mostrar que já o ministro em Paris começa dizendo em publico, a respeito de correligionarios seus, o que já de ha muito, sobretudo desde um seu famoso artigo n'um jornal republicano do Porto, contra elle diziam tambem correligionarios seus.

«Paris, 22 fevereiro 1913.

Ex.^{mo} Sr. Machado Santos

Envia-me um anonymo de Paris, um numero do *Intransigente*, de 15 de fevereiro, o qual insere a meu respeito um artigo tão transparente que facil me foi ver quem está por detraz d'elle. Esse artigo é inspirado, ou escripto, mas mais certamente escripto por um dos membros d'uma quadrilha que tem a sua sede no estrangeiro e se propoz ultimamente tomar de assalto a legação de Paris. Não sei até que ponto o senhor é solidario com este pensamento, mas na hypothese de que o não tenha atingido completamente, para elle chamo a sua attenção. O senhor está sendo instrumento d'uma vilania que não corresponde ao papel que os acontecimentos lhe dêram na historia do nosso paiz. Quanto á legação de Paris tenho empenho em fazer constar á quadrilha em questão, que não lh'a tomarei por muito tempo e que não é necessario, para que eu lh'a deixe vaga, emprender o seu assalto com uma navalha nos dentes. Por isso lhe peço o favor de dar publicidade a esta carta.

Subscrovo-me de v.

Att. V.^o

João Chagas.»

Não vimos ainda, no momento em que escrevemos estas linhas, o que a esta carta respondeu o sr. Machado dos Santos, nem tem importancia sabel-o.

O que é importante é procurar saber quem são os membros da quadrilha que tem a sua sede no estrangeiro e que se propoz tomar de assalto a legação em Paris.

Para isso convem ver quem deseja ser ministro em Paris.

Que nos conste ha tres pessoas que ambicionam esse logar.

O sr. Magalhães Lima, que, vivendo habitualmente em Paris á sua custa e que sendo pessoa economica, deseja de ha muito viver lá á custa do paiz, e que já pretendia aquella legação quando o sr. João Chagas foi nomeado.

O sr. Lambertini Pinto que ajudou o ministro em Paris a fazer aquella tolce do pedido de expulsão de dois jornalistas portuguezes unicamente para ver se o enrajava, no que foi mais esperto, o que é lamentavel, de que o sr. João Chagas.

E finalmente, o sr. Antonio Macielra, cujos amigos intimos alguns dias depois da sua nomeação para o ministerio dos estrangeiros escreveram para varios jornaes dizendo que elle, dentro em pouco, estaria na legação de Paris.

A qual dos tres se refere o sr. João Chagas? Não o sabemos.

N'outros tempos, quando o sr. João Chagas ainda não estava decadente, isto é, quando o sr. João Chagas era incapaz de fazer *gaffes* como as que tem feito agora em Paris, e quando era um lutador, liquidando as suas questões sem ser com encolher de hombros e com reclamações de expulsão, na carta que dirigiu ao sr. Machado dos Santos teria posto logo os nomes dos seus correligionarios a quem se referia.

Hoje já isso não succede e para saber quem são os taes republicanos que constituem a quadrilha a que se refere a carta, que é muitissimo bem feito para que o Brazil se não possa rir de nós por ser cidadão portuguez o sr. Ferreira de Amaral.

E' certo que se tem contestado, mas sem razão, que o sr. Bernardino Machado seja brasileiro.

Todas as duvidas se hão-de porem dissipar, quando, restaurada a Monarchia em Portugal, a Republica Brasileira nomear o sr. Bernardino seu ministro em Lisboa... para assim se ver livre d'elle.

Administrador Brasileiro

A Republica protesta contra o facto de ter sido nomeado administrador do concelho de Amarante um cidadão brasileiro.

Não vemos motivo para o protesto, desde que a Republica não protestou contra a nomeação para ministro do sr. Bernardino Machado, que tambem é cidadão brasileiro, o que é muitissimo bem feito para que o Brazil se não possa rir de nós por ser cidadão portuguez o sr. Ferreira de Amaral.

E' certo que se tem contestado, mas sem razão, que o sr. Bernardino Machado seja brasileiro.

Todas as duvidas se hão-de porem dissipar, quando, restaurada a Monarchia em Portugal, a Republica Brasileira nomear o sr. Bernardino seu ministro em Lisboa... para assim se ver livre d'elle.

Rocha Martins, que é um escriptor brilhante e uma bella alma, — o que faz com que não comprehendamos como o director das *Novidades* ainda o não poz a andar, — tem no seu interessante artigo *Valto na sombra* esta phrase cheia de verdade: *O espião é mais desprezavel ainda que o traidor.*

Ora imagine o nosso preso collega como deve ser desprezavel uma Republica que ha já para as bandas do poente, em parte incerta, que triumphante pela traição se aguenta pela espionagem isto é, uma Republica de traidores e de espiões!



Tratamento de excepção

O sr. Eurico de Seabra publicou agora um livro, de que só conhecemos alguns extractos publicados nos jornaes, a respeito dos jesuitas portuguezes.

N'um d'esses extractos publicado na *Patria* dá-se conta do tratamento que a qualquer jesuita que celebra o bom tratamento que elle e os seus companheiros receberam do governo provisório, que lhes tornou quasi agradável e distraída a prisão que procedeu a sua expulsão, e nomeadamente do sr. Affonso Costa, que para elles teve palavras de carinho e cuidados e attentões que chegam ao ponto de desejar saber que tal lhes corra a visgem até á fronteira.

Na mesma *Patria*, que publicava o extracto a que nos referimos, se dera conta em numero anterior do tratamento especial que havia na Penitenciaría para um presidiario miguelista que fora até dispensado de assistir á ultrajante cerimonia do capuz, na presença dos membros do governo.

Na mesma *Patria*, que é orgão do Directorio Republicano, temos lido varias vezes, como o temos lido tambem em outros jornaes, que os jesuitas que mandavam na Monarchia que lhes estava nas unhas e que elles é que *ordenavam* as perseguções aos republicanos, como n'esses jornaes varias vezes se tem fallado do regimen miguelista como symbolo da tyrania, da oppresão e da reacção.

Succede que não consta que aos padres perseguidos pela Republica e que foram lançados para as prisões por conspiradores e não foram expulsos por não serem jesuitas, os tenham tratado com qualquer deferencia, e antes muito pelo contrario se sabe que para com elles se tem sido d'uma revoltante e impiedosa crueldade.

Succede tambem que estando as prisões por esse paiz cheias de partidarios da Monarchia derrubada em 5 de Outubro, todos elles estão sujeitos ao mais cruel e indigno regimen, como succede tambem que todos os condemnados que estão na Penitenciaría, aparte a excepção apontada, foram obrigados a assistir á tal cerimonia dos capuzes.

Exposto tudo isto, parece-nos podermos tirar a seguinte conclusão:

A Republica tendo o dever, que só selvagens podem negar, de tratar todos os presos e todos os perseguidos com bondade, com attentões, com humanidade, emfim, entendem só cumprir esse dever com os jesuitas, que, publicamente a reconheceram, e com miguelistas, como publicamente foi noticia.

Ora como se dá o caso, já apontado, de dizerem os jornaes republicanos que foram os jesuitas os verdadeiros autores de todas aquellas perseguções de que se queixam, e ser o miguelismo o symbolo da reacção, o facto de só com os jesuitas e os miguelistas ter entendido a Republica cumprir os deveres de humanidade que a todos os governos, que não sejam de selvagens, se impõe, permite-nos esta conclusão:

A Republica é *justa e reaccionaria*. E como nós não somos nem *justas* nem *reaccionarias*, vamos a um numero antigo do *Mundo* e copiamos textualmente, mas em letra mais pequenina, copiamos os dizeres do titulo de um dos seus artigos contra um governo da Monarchia:

Abatido o governo de jesuitas e reaccionarios!

E cá ficamos esperando as felicitações e os telegrammas de incitamento das varias commissões republicanas do paiz, que não deixaram de nos manifestar agora o seu applauso como então o manifestaram ao *Mundo*.



Desmentido

A *Lucta*, a proposito de Sua Alteza o sr. D. Affonso ter reclamado sem os especialistas objectos que lhe pertencem e que estão no palacio de Belem, diz que Sua Alteza quando recibia *adventamentos* não fazia contas, *pelto o dinheiro, guardava-o na algibeira e estava tudo liquidado.*

E' redomadamente falso. E se a *Lucta* quizer discutir com seriedade e não honestidade essa questão dos *adventamentos*, se demonstrará como está fazendo e tem feito, a respeito d'esses assumptos, affirmações que sabe perfeitamente serem calumniosas.

Varios jornaes se tem referido ao sr. Soriano, aquelle republicano hespanhol que foi para a Galliza auxiliaer na sua missão contra os realistas portuguezes que lá estavam, os espiões que o governo da Republica para lá mandara.

Não sabemos se o sr. Soriano ainda está em Lisboa se continua recebendo no Avenida Palaeo aquellas visitas que segundo dizia o *Socialista*, jornal lisboense, lhe levavam algumas notas do Banco de Portugal.

Não sabemos, mas achamos que é uma imprudencia da parte do sr. Soriano receber taes visitas e sobretudo receber d'ellas dinheiro.

Um jornal estrangeiro disse ainda não ha muito tempo, que em Hespanha se preparava uma revolução republicana, cujas despezas seriam custeadas pelo producto de um importante emprestimo que, particularmente recomendado pelo directorio republicano portuguez, estava sendo principalmente subscrito em Portugal, e accrescentava até que uma casa commercial do Porto, tendo recusado tomar alguns titulos de tal emprestimo, fora prevenida de que lhe poderia succeder algum desgosto:—primeiro, se não ficasse com alguns titulos do emprestimo, segundo, se não guardasse sobre o assumpto completo segredo.

Claro está que o tal jornal estrangeiro *mentiu*, como costumam dizer os jornaes republicanos quando se trata de uma inexatidão que os prejudica ou quando se trata de uma verdade que lhes não convem que se saiba.

Mas o facto é que o tal jornal estrangeiro disse isso e que o sr. Soriano commette portanto uma imprudencia, sendo republicano e sendo hespanhol, em receber visitas que lhe dão dinheiro, segundo conta o *Socialista*, quando não é verosimil que Sua Senhoria tenha vindo para o Avenida Palaeo, de Lisboa, dar consultas, pelas quaes recebe remuneração e passe recibos, como não é verosimil tambem que o dinheiro que lhe entregaram fosse o pagamento do auxilio que o sr. Soriano prestou aos espiões do governo portuguez na Galliza, pois estamos certos que esse auxilio foi prestado desinteressadamente e por simples amor da arte.

E é imprudente o que o sr. Soriano faz porque 28 pessoas que não conhecem o quanto Sua Senhoria é escriptuloso nos seus processos poderia o facto despertar suspeitas de que fosse verdadeira a noticia do tal jornal estrangeiro, dando logo lugar a reparos e observações por parte do governo do seu paiz, com o qual hoje está em amistosas relações,—pois reconhece, como toda a gente, que o sr. Romanos é muito boa pessoa e muito liberal,—ao governo do paiz, onde são tão seus amigos que até lhe levam dinheiro aos hotéis onde se hospeda, quando o que sempre succede é que do paiz, que visita e onde não tem negocios, um estrangeiro sae, não tendo recebido, mas sim tendo pago contas nos hotéis em que se hospeda.

Não precisa o sr. Soriano dos nossos conselhos, e ainda que os precisasse nós não lh'os daríamos entre outros motivos porque nem o sr. Soriano os saberia aproveitar nem nós estaríamos para perder tempo a dar-lhos.

Mas damos um conselho áquelles que lhe levam dinheiro ao hotel.

É que lh'o levem quando elle estiver no quarto.

Assim, se alguem ouvir lá dentro mecher em dinheiro, poderá suppôr que é o sr. Soriano que, em nome dos republicanos hespanhoes, está pagando alguma conta atrasada da revolução de 5 de Outubro, o que não sendo muito brilhante para os republicanos portuguezes, tem contudo a vantagem de não constituir uma apparente confirmação tendenciosa da insidiosa, mentirosa e calumniosa, noticia do tal jornal estrangeiro, que decididamente não tem vergonha nenhuma n'aquella cara para que assim lance ao publico noticias tão preverasas.



Mudança

O nosso illustre collega a *Nação* referindo-se ao seu illustre collega *A Capital* diz que essa folha *timbra por ser no nosso (d'elles) meio jornalístico um jornal de processos serios e honestos.*

Ha muito tempo que não lemos a *Capital* e não sabemos quem sejam hoje os seus redactores, nem os seus proprietarios e editores.

Tudo deve porém ter mudado de ha dois annos para cá, porque ha dois annos a *Capital* era um jornal absolutamente falho de seriedade que nas columnas publicava affirmações, que ella muito bem sabia serem calumniosas, e em que se pretendia diffamar e enlamear quem a *Capital*, muito bem sabia igualmente, ser pessoa de incontestavel e incontestada probidade.

A *Nação*, que é realmente um jornal serio, apparece agora com aquella referencia á *Capital*.

Devemos concluir que n'essa falha tudo mudou, com o que muito sinceramente folgamos e pelo que muito vivamente felicitamos esse illustre collega do nosso illustre collega a *Nação*.

Firmeza e convicção

Peor que o soneto ..

Galopins

Julião Duarte Monteiro

O nosso illustre collega Villarealense no celebrar o seu 33.º anniversario, pelo que vivamente o felicitamos, accentua, que o Villarealense é simplesmente o sr. Teixeira de Souza, e no dia em que esse senhor voltar á politica, a orientação do jornal será exclusivamente a que tomar o insigne parlamentar.

Devemos dizer que o insigne parlamentar é o sr. Teixeira de Souza. Como podem alguns dos nossos leitores nunca ter ouvido os discursos parlamentares d'esse senhor é conveniente o esclarecimento.

Achamos muito nobre a declaração do Villarealense que assim demonstra a independencia do seu espirito e das suas opiniões, pois é preciso que ellas sejam muito independentes para que assim possam hypothecar-se para toda e sempre ao espirito e ás opiniões de outra pessoa que não aquella que escreve o artigo.

Picamos pois sabendo que o nosso illustre collega será monarchico se o sr. Teixeira de Souza o fór, como será republicano se ao republicanismo o mesmo senhor adherir.

Não é por lisonja, pode crel-o o nosso illustre collega, que o dizemos, mas chegar aos 33 annos de publicação com uma tal firmeza de convicções que até só as mudará se as mudar o sr. Teixeira de Souza, é muito bonito, e leva-nos a felicitá-lo com mais entusiasmamento ainda pelo seu anniversario, fazendo sinceros votos por o último presidente de conselho da monarchia não mude muitas vezes de opiniões, para que o nosso illustre collega não tenha que as ir defendendo todas successivamente mudando de opiniões tambem, o que devia ser muito maquador.



Carta

Diz a Lucía que entre os papéis encontrados nas casas das jesuitas ha uma carta do antigo director da Palacra dizendo que João Franco era ordem para facilitar o reconhecimento de todos os monarchicos, exigindo todo o escripto acerca dos reconhecidos pelos republicanos.

Se isso é verdade, e é muito capaz de não ser, o que demonstra apenas é que João Franco sabia bem a falta de escriptos com que os republicanos faziam reconhecer a sua gente, auxiliados por autoridades que os protegiam, e não ignorava que era difficil conseguir que um monarchico fosse reconhecido... quasi tão difficil como levá-lo depois a votar.

Aquella marotafraísta descoberta na freguezia dos Anjos, em Lisboa, onde havia 60 eleitores republicanos morando na mesma casa, e votando n'umas poucas de assembleas, era sufficiente para fazer recomendar muito cuidado com esses animaes... racionais e claros.



Roubos e extorções

A Republica gaba-se vaidosamente de que os deputados evolucionistas deram uma trepa no chefe do governo quando na camara trataram d'aquelle indecoroso caso do sr. Eusebio da Fonseca.

Pomos apressadamente ler os extractos d'essa sessão e o que n'elles vimos foi que tendo o sr. padre Sá accusado o governo de falta de escriptos na administração dos dinheiros publicos, e tendo-lhe respondido o sr. Affonso Costa que lhes não admittia semelhantes accusações, todos os deputados evolucionistas na sessão seguinte se desfizeram em explicações accentuando que nunca lhes poderia passar pela idola accusar um governo da republica de desonestidade e de falta de escriptos. Quer isto dizer que a tal famosa trepa se resumiu... n'um pedido de desculpas e n'um desavassamento do sr. padre Sá, que na realidade de outra causa não accusara o governo senão precisamente d'aquillo que os deputados evolucionistas humildemente declararam não lhes poder passar pela cabeça... não se lembrasse o sr. Affonso Costa de os prohibir de tornar a pôr os pés na Camara, o qua os privaria do subsidio.

Mas n'essa sessão o que houve de mais interessante ainda foi o facto do sr. padre Sá dizer que na Monarchia ha revolta roubocam, e o sr. Antonio José d'Almeida no seu discurso ter dito, a médo, que o caso Eusebio da Fonseca representava uma extorsão ao thesouro.

Fallam da Monarchia, dizem que n'ella havia roubos e chamam ladões aos monarchicos. Fallam da Republica, dizem que n'ella se fazem extorsões ao thesouro e chamam-se a si proprio pessoas honestas.

Temos pois que roubos, que é uma extorsão, não é uma extorsão, que no caso apontado é roubos.

Que admiráveis patetas que são esses evolucionistas!



O sr. Paulo Osorio, n'uma rectificação muito pittoresca á sua affirmação de que nos boulevardis parisienses se vendia uma publicação monarchica em que se appellava para a intervenção de Affonso XIII em Portugal, tem a levandade de affirmar que saba que a phrase «Ases Affonso XIII que Affonso Costa», é pronunciada com convicção por varios portuguezes actualmnte residindo no estrangeiro.

Com toda a franqueza diremos ao sr. Paulo Osorio, por quem temos uma grande admiração e uma grande estima, — e tanto que nunca lemos os artigos que escreve para o Seculo que é para fingir que não sabemos que cambalhotou da Monarchia para a Republica, — que não foi habili na sua rectificação, porque para evitar de dar com o nariz n'uma parede foi dar com o mesmissimo nariz n'um muro, o que para os effeitos do choque é a mesma coisa.

O sr. Paulo Osorio é intelligente e não pôde portanto ter deixado de comprehender que affirmando saber que portuguezes actualmnte residentes no estrangeiro pronunciam com convicção, — como ponde saber o sr. Paulo Osorio que era com convicção? — aquella phrase, se obrigou por dignidade propria, pelo respeito que a si proprio deve todo o homem de bem, pelo dever que todo o homem honrado tem de não lançar suspeitas infamantes e ainda por outras muitas razões, — se obrigou, dizlhamos, a precisar ainda mais a sua affirmação dizendo quem são esses portuguezes.

Dada a lucidez de espirito do illustre jornalista, sabemos perfeitamente que o sr. Paulo Osorio não pensará sequer em allegar que o seu caracter lhe não permite expôr á excoeração publica e á reprovação geral os individuos que saba terem dito tal cousa. E não pensará sequer n'isso porque ao seu caracter não deixará de repugnar que suspetia tão infamante fosse sobre tantos portuguezes que no estrangeiro estão por motivos do sr. Paulo Osorio não pôde bem comprehender, não por falta de intelligencia, mas pela mesma razão porque não comprehendeu que tendo sido jornalista monarchico d'um partido que honradamente affirmou sempre o seu lealismo á Monarchia, não podia passar a ser jornalista republicano no Seculo, independente no Dia, e nem republicano, nem independente nas horas vagas.

Temos pois a certeza de que ao dar-nos a honra de ler estas modestissimas linhas, o sr. Paulo Osorio não terá de dois Creditos em lançar mão da penna para escrever estas simples mas fidedignas palavras: Os portuguezes que eu sei dizemem com convicção que «antes Affonso XIII que Affonso Costa», são os senhores Eulano, Sierano, Beltrano, etc.

Tudo, é claro, em vez do Eulano, Sierano, Beltrano e de etc., os nomes dos cavalheiros em questão.

Isto, evidentemente, se esses cavalheiros não forem republicanos.

Porque se o forem, já ficaremos sabendo que foi geito que lhes ficou dos tempos das jantaras em Badajoz.



Convem não esquecer

A sr.ª D. Lucinda Ribeiro, que pertence á Liga das Mulheres Republicanas fez publicar na Vida Nova, jornal republicano de Vianna do Castelo, se não estamos em erro, uma chronica p'itica em que aponta, diz ella, as torpezas de homens que são dizem republicanos e que insultaram, maltrataram e brutalisaram torpemente, ignobilmente os justicadores presos, entregues ao poder da justiça e que lhes deviam ser sagrados, porque essa justiça lá estava para castigar os absolutos.

Convem lembrar, e lembrar-se-ha sempre, que esses presos que assim foram maltratados iam confiados á guarda de forças do exercito; que essas forças eram commandadas por officiaes, e que nem soldados nem officiaes evitaram essas aggressões nem castigaram os aggressores.

O leitor comprehende que se não deve deixar esquecer este pormanor, ha cousas que delinham uma epocha, uma corporação, um homem.

Esta é das que define uma epocha: a epocha gloriosa da Republica Redemptora.

Pena temos nós de não sabermos os nomes e de não termos os retratos dos officiaes que commandavam essas forças.

Teriamos muito prazer em publical-os



Resposta

Pergunta o Socialista ao sr. ministro do fomento: Quando tem o publico o direito de conhecer o resultado da significancia feita á 5.ª sessão dos Correios e Telegraphos?

Respondemos nós ao Socialista: Quando, em vez de se terem apurado responsabilidades graves de republicanos, perentencias á carbonaria de que é chefe o sr. ministro do fomento, se tenha conseguido atirar essas responsabilidades para cima de algum pobre empregado suspeito de thallassismo.

Um jornal referido-se a eleições na China diz que, se aquella republica precisar d'uma eleição fraudulenta, telegraphie para Portugal que de lá se lhe podem mandar os homens habili do Peral e da Azambuja que estão para ahí á boa vida e dispensados do servico.

O que esse jornal não diz é o motivo porque estão dispensados do servico esses galopins do Peral e da Azambuja.

Toda a gente saba porem que a Republica não precisa dos servicos d'esses homens, que aliás estão hoje republicanos, porque tem no sr. Antonio Maria da Silva, ministro do fomento, quem muito bem saiba d'isso de fraudes eleitoraes.

Sua Senhoria tem até habilitações documentadas pela condemnacão a dois annos d'prisão por fraude eleitoral quando administrador no concelho de Redondo.

Seria mesmo uma injustiça aproveitar as habilitações dos homens do Peral e da Azambuja, quando no governo está quem tão habilitados se mostrou em Redondo.



Vadio

O sr. Ezequiel de Campos fez na Camara dos Deputados a seguinte declaração que consta do Diario das Sessões: — Tenho a declarar á Camara que não sou proprietario, não tenho de meu no futuro sendo até palmo da terra de comprido e dois de largo para me enterarem; que não tenho nem cira nem beira; que sou um perdido vadio, mas isso me levará a mudar de vida em poucos dias.

A confissão é feita com rude franqueza que não fica mal ao sr. Campos.

Não se deve porem des-lar Sua Senhoria pois tem na grande maioria da Camara collegos cuja unica profissão é a de deputados, o que quer dizer que termino do mandato, se os governos os não empregar até lá, voltarão a ser o sr. Campos diz ser hoje.

Outros ha lá tambem que, como o sr. Campos, não tem cira nem beira, mas que tem a felicidade de tambem não terem pau de fogueira, unico motivo, queremos erer, de ainda se não terem enforcado.



Pedidos

Roeha Martins, n'um dos seus excellentes artigos nas Noticias, diz que os monarchicos de valor só podem á Republica que os acolha, saudados da porta da Arcada, e os que tem a perder só desajam não perder cousa alguma.

O illustre jornalista quer evidentemente referir-se aos taes monarchicos que andavam para ahí em combinações, uns com o sr. Affonso Costa, outros com o sr. Antonio José d'Almeida, para a constituicão d'um partido monarchico.

A ideia d'esses monarchicos de valor era simples: A liquidação de tudo isto aproxima-se. Sem partido constituído esses monarchicos de valor não tem uma força de que disponham para... vender. Por isso, tentando illudir ingenuos, procuraram constituir esse partido, de que se fallou. Chegada a occasião, por patriotismo, ensarilhavam armas... e beneficiavam essas perbenças da liquidação.

Como com a Republica esses monarchicos... cahibtos, seguem precisamente o mesmo jogo que faziam com a Monarchia, na qual eram então... esquerdos.

Rem fez Roeha Martins em fallar d'esses monarchicos de valor separando-os em segui da dos que tem que perder, porque effectivamente aquellos nada tem que perder.

Nem mesmo a vergonha... que foi ou seja que nunca tiveram.

PERFUMARIA FINA
PRAÇA DE D. PEDRO, 101
LISBOA
RECEDEU novo sortimento de essencias finas para o lenço e banho, sabonetes e pós de arroz finissimos, boa agua de Colonia Florida e preparados garantidos para o cabelo, dando a cor natural; sortimento de elixires, pasta, pós dentifricos.

Perfumaria Balsemão
RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE 2-777
LISBOA

Hermínio Pereira da Silva Pinto
TORRES NOVAS
COMMISSARIO DE VINHOS e AZEITES

Especialidade em vinhos tintos de 12 a 15 graus.
Compra e venda á commissão e de conta propria.

CIGARROS
Presidente ARRIAGA
Fina mistura de tabaco havano
A MARCA DE MAIOR SUCCESSO EM PORTUGAL
Cuidado com varias marcas imitações d'esta famosa marca

Os bons tempos da tropa
A' porta do quartel
Passam diferentes raparigas e as pragas da guarda vão-se entretendo a dizer-lhes o seu dichote, mais ou menos apaixonado, é claro...
N'isto atravessa a rua uma rapariguita, muito escorridinha de peitos. Logo o competente galanteio...
O prateleiro, typo já muito sabido, com um registo disciplinar muito complicado!
— Olá ó rapazes... o que estão vocês a dizer á rapariga... Isto, mulher sem peitos é um regimento sem banda...
S. P.

EPISODIOS DA PRIMEIRA INCURSÃO MONARCHICA

UM RASGO D'AUDACIA

Entrevista com o capitão João d'Azevedo Lobo



CAPITÃO JOÃO D'AZEVEDO LOBO

No plano da primeira incursão monarchica havia uma columna que, sob o commando do capitão de cavallaria João d'Azevedo Lobo, entraria pelas Beiras, em acção conjugada com a columna de Paiva Couceiro.

A impaciencia armou mal a columna de Couceiro e deixou sem uma espingarda a columna d'Azevedo Lobo.

Mesmo assim, sem uma caçadeira nem um espingarda para distribuir ás povoações amotinadas, o capitão Lobo penetrou pela Beira-Baixa, atravessou a Beira-Alta, o Douro, Trax-os-Montes, percorrendo—com uma simples escolta de oito rapazes, oito bravos!—quatro provincias e cinco districtos! Essa incursão das Beiras é um tal rasgo d'audacia que por ella se vê já que a Galliza foi uma pagina de elevados sacrificios, um movimento servido por homens dispostos a todas as grandezas e a todos os riscos.

Entrou sem armas o capitão Azevedo Lobo a fronteira de Castello Branco, com o impeto, o arrojo d'um valente que se não deslembra de, simples alferes de cavallaria, haver estado ao lado do Mouzinho d'Albuquerque, no combate de Coelheira. Mas tivessem-lhe as circumstancias garantido um soffivel nuncioamento, e a incursão das Beiras, sem nada perder das bellezas da audacia, não seria apenas uma aventura cavalleiresca a sommar aos heroismos dos revolucionarios monarchicos—seria o triumpho.

João d'Azevedo Lobo não é nada o arcaico do farrabraz. D'uma magreza assética, o cabelo pretoado pelos quarenta annos, de marrotico tem apenas o bigode de longas guias. O corpo insignificante é o pretexto para uma alma de heroe. Um esqueleto onde de myologia não se poderia estudar mais do que inserções musculares, uma mascara d'amplo frontal, mento breve dos arbotados, a bocca repressando a impaciencia, e uma vontade forte domina a sua febrilidade, que apenas inquieta o olhar, um olhar negro e doce, olhar de commando, de cholera, de enthusiasmo, de fervor, olhar em que chammaja perpetua irrecolligação com a incursão.

Vimol—o em Madrid revoltado com a inação, em Paris o encontramos agora com a mesma revolta a minimal-o.

Homem aconcedo pela acção, o passado é sempre para elle assumpto pouco grato.

Para nos gosarmos da saudade é preciso parar, a revermo-nos no caminho percorrido.

A marcha para a gloria é feita de pupilla accessa, cravada de deanteira.

E' a differença entre o homem d'acção e o ascético: a mesma fé, que em ambos ha, n'aquelle illumina a trabalhada treva das alvoradas, n'este vela o repousado crespusculo das horas idas.

Não foi, por isso, nada facil obter do capitão João d'Azevedo Lobo esta narrativa da sua incursão pelas Beiras.

Do governo da Lunda á Praça d'Almeida

Azevedo Lobo era um simples aspirante, sahido da Escola do Exercito, quando Mouzinho d'Albuquerque o convidou a ir com o seu esquadro de cavallaria para a campanha de 1839. Foi mister promovel-o a alferes, para o pôr em condições de aceitar o desvanecente convite. Mezes depois, o alferes Azevedo Lobo entrava, com o seu commando no Kraal do Gungunhana, a geração militar de 95 contava mais um valente, e a escola colonial que Antonio Ennes e o Heroe de Chaimite fundaram tinha mais uma experiencia capaz da acção continuadora dos mestres.

Na sua longa carreira ultramarina pequenos oasis teve no Reino; estava passando um d'esses periodos no commando d'um esquadro da Guarda Municipal, quando aquella fraqueza de mando, que vinha d'alto a baixo, e já contaminára os chavellers de Marte, desgostou tanto o capitão Azevedo Lobo que se affastou para o Ultramar.

—E a 5 d'outubro onde estava?

—A governar a Lunda. A noticia da proclamação da republica...

—Perdão! Perdão! Já agora dê-me uma idea geral do seu districto. O que é a Lunda?

—Uma riqueza que tem quatro vezes Portugal—aproximadamente 270.000 kilometros quadrados. E' um districto: deviam ser pelo menos tres. D'esses 270.000 kilometros quadrados está occupado apenas um quinto. Eu havia proposto a occupação do Estado de Cassange que é o que obsta á occupação effectiva do districto, porque os povos chamados Bangalas, ou Banglas, são muito aguerridos. O Bangla é mesmo o povo mais aguerrido. Não se parece nada com o resto da população nativa do continente negro. O Bangla éavelto, agil, muito astuto, nobre, altivo, nada do escravo das outras paragens. Lembra os Valentes. Muito bem organizado, muito cioso da sua independencia, derrotou em 1862 a columna do tenente coronel Casal, e d'ahi para cá o reino—da parte do governo central—, de novas expedições, tem-o conservado n'uma rebeldia constante, incitando os outros povos, sob a suzerania portugueza, a revoltarem-se tambem, o que tem creado difficuldades á occupação existente. Até hoje o concelho mais proximo dos Banglas, junto á fronteira, era o de Tallamungongo *folha os montes*, remanescente da antiga feira portugueza de Cassange. Esse concelho é a negação completa de todo o systema administrativo. O *Jaga de Cassange* (chefe dos Banglas, era entretido pelo administrador do concelho com presentes de cachaça.

—O que?

—E por instruções superiores! Isto da governar districtos embedando os pretos é... original! Trabalhei para acabar com este vergonhoso estado de coisas, que se pôde chamar mais do que incuria—abandono e desordem. Imagine que, visitando o deposito de material de guerra, fui dar com uma metralhadora novinha em folha. *«Eu-tão, ha aqui uma metralhadora, e não se me diz nada?»*—Isto já para ahí está ha muito tempo. Chegou do Reino antes de V. vir, e como se lhe quebrou uma peça, guardou-se para aqui... *«Havia falta de metralhadoras nos fortes, e uma boa metralhadora arrumava-se para um canto como uma cadeira a que se rompeu a palhinha. Dei ordem para a remetterem ao arsenal de Loanda, expediente de que aquella nossa gente se não lembrára. E tudo o mais assim era. Partil-me de fazer relatorios minuciosos e documentados.*

—E...?

—E, por fim, lá consegui que se assentasse n'uma expedição destinada a tornar effectiva a nossa occupação. Tinha tudo planejado, e cheguei a mandar construir um forte, por signal que d'uma maneira curiosa. Chamei o chefe do concelho á sede do districto e disse-lhe: *«Vocem-êes vão levantar-me uma palissada, como se fosse para curral de gado, n'um ponto a cavalleiro e*

proximo da sua sede. Dei-lhe as dimensões, e o homem lá foi. Depois, para ficar mais arranjadinho, mandei deitar terra, murar, pôr-lhe uma porta. Os proprios soldados, que se apresentaram lá como trabalhadores ajudaram, e, dentro de dias, o forte appareceu, com a sua metralhadora, garnição, péu de bandeira, armado e nuncioado. Só assim, com argucia se pôde lucrar com o Bangla, arguto e desconfiado. Se eu tenho dicto que lá construir um forte, os Banglas atacavam-me os homens antes d'elles terem a defeza, e eu, sem forças disponiveis, não podia proteger os trabalhos da fortificação. Era tal a convicção dos povos de Massongo (homens do Songo) que o governo portuguez não levantava ali um forte que eu recebi um officio do chefe do concelho de Tallamungongo, dizendo: *«cá está o forte. O espanto foi tal que tem aqui vindo, ver se é verdade existir o forte, as povoações em peso.*

—E a expedição?

—Estava resolvida. Tinham-me até notado que eu pedia pouca força; queriam ver-me requisitar mais artilharia: mas eu bem sabia o que fazia, e conhecia bem o districto que não pisava pela primeira vez. Inteligencia, revolta do sul d'Angola desviou as forças, e não se fez nada. Hoje não sei como estará a Lunda. N'aquelle tempo, os meus relatorios eram a reprodução da situação, das necessidades, e do esperançoso futuro economico que ali havia para Portugal. Não tenho aqui as copias dos meus relatorios, senão veria como a Lunda é um assumpto de apiaxonar um patriota. Por mim, que não estive lá a receber mas a ganhar o que o Estado me pagava, interessei-me com o amor que todos os colonizes do meu tempo votavam á Africa Portuguesa.

—Veio logo para o Reino, após a Republica? Como deixou o governo da Lunda?

—Eu lhe conto: recebi, transmittido pelo governador geral o sr. major Rogadas, um telegramma do governo central (ministerio das colonias) que dizia: *«Proclamação Republica em Portugal sem effusão de sangue, por exercito, marinha e povo.* A seguir, este outro telegramma do governador: *«orden para proclamar no districto do seu governo novas instituições.* Mandei lavar uma acta, sem manifestações, nem solemnidade de especie alguma, fechei a secretaria, onde nunca mais tornei a pôr os pés, e durante cinco dias esperi ordens. Como nem do governo da Provincia nem do governo Central dessem signal de vida, apresentei-me em Loanda, donde embarquei para o Reino. Ao governador interino, o juiz da Relação Dr. Caetaio Gonçalves...

—Mas, então, o major Rogadas, que tanto metro de panne vermelho gastou em festejar o advento da Republica, já não estava no governo da Provincia?

—Não, substituiram-o logo. Ao governador interino, Juiz Gonçalves, hoje senador, a quem fez espanto ver-me ali, respondi: *«Pedi por telegramma a minha demissão, e, como não chegasse resposta, resolvi entregar o districto.*

—E veio logo para Lisboa?

A tentação do Fustro cantada por um ministro do Governo Provisorio.

—Logo. Collocaram-me em cavallaria 7, aquartelada em Almeida, talvez o sitio mais frio e humido de Portugal, portanto o ponto menos proprio para mandar um homem que chega d'Alfrica, depuado por viagens pelo Interior. Foi á Junta, e os quatro mezes de licença, que obtive, aproveitei-os para ser util ao meu País, trabalhando pela restauração monarchica. Conspirei dia da dia, n'esses quatro mezes de Lisboa. Uma noite, estava n'uma rua da Baixa, passou o Brito Camacho, e, com aquella doce mansidão de mulher da Judá, disse-me: *«O Lobo! você por aqui?»*—*«Imaginou que eu estava a fazer entusiasticos discursos adhesivos na Lunda?»*—*«Não. Eu sabia que V. já tinha vindo, mas fazia-o em Almeida, e folgou em o ver aqui, porque supuz que já tivesse arranjado a transferencia.»*—*«Está muito enganado. Estou de licença da Junta. Não arranji transferencie nenhuma.»*—*«Mas você, se o collocassem cá...»*—*«Você julga que eu sou como esses pulhas que para ahí andam a bajular-vos, e de que você mesmo deviam ter nojo?»*—*«Bem sei. Mas, diga eu, se lhe arranjassem uma transferencia cá...»*

—*«O que você quer dizer na sua: se eu estou disposto a vender-me? Transferencia d'um lugar para um lugar bom, não ha sem o interessado a pedir. E eu, d' republica, não peço nada. Você queria que eu lhe dissesse que accedida. Não accedo coisa nenhuma. Quando se me voltar a oferta, vou para Almeida, como vou para o inferno, na certeza de que em Lisboa, em Almeida ou no inferno, eu serei sempre um inimigo vostro.»* O ministro do Provisorio despediu-se esfoqueado, a correr para o conselho de ministros, e eu, quando se me acabou a licença, fui para Almeida.

A indisciplina da praça d'Almeida. Um commandante com medo dos soldados.

—Foi d'Almeida que sahi para Espanha?

—Foi. Quando cheguei a Almeida é me

apresentei ao commandante da praça e do regimento—o tenente-coronel Rocha Teixeira—tive a impressão de que o homem, que eu já conhecia, mas sómente dos cavacos do Martinho, não era um fura-paredes mas devia ser uma boa pessoa, mais bonacheiro do que marcial, mas enfim um bom homem, com quem me não daria mal. Eu commandava o 1.º esquadro. O regimento estava, como todo o exercito republicano, n'uma indisciplina de que corria um chefe de mangas de qualquer sobado do interior africano. Ora eu é que não estava nem estive disposto a subservir essa indisciplina. Acima de tudo, das paixões politicas, dos principios, das sympathias de regimen, ou, official do exercito, colloco a disciplina do exercito. E, assim como sou incapaz de permitir um affrouxamento de disciplina para alliciar soldados, sou tambem incompativel com qualquer passividade perante a indisciplina, em nome d'esses *serviços* das praças ao novo regimen. Succedeu que um cabo do meu esquadro incitou aos praças a uma insubordinação: o não levantar do rancho que é a expressão elemental da insubordinação de casaca. Uma praça assubordinada, as outras não levantaram a comida, e eu procedi.

—Como?

—Mandando metter o cabo, cabeça de motim, no calabouço. Mas aos meus principios de disciplina pareceu o caso tão grave que, considerando não ter na minha alçada meios bastantes para dar o merecido castigo, communiquei a occorrença ao commandante, tenente-coronel Rocha Teixeira, para elle proceder. Sabe o que fez o commandante, tenente-coronel Rocha Teixeira? Mandou tirar o cabo do calabouço, e levou-o ao castigo, sem sequer m'o communicar. Quando, depois d'isto, cheguei á sala de jantar dos officiaes, e dei com o commandante, tenente-coronel Rocha Teixeira, mettu-me tanto nojo que não me sentei á mesa, e sahi. Como vem acontecendo com todos os officiaes que não tremem de medo ante o soldadinho carbonario, parece que o meu nome foi indicado ao papa negro do ministerio da guerra, porque não tardou a vir o inevitavel telegramma, chamando-me a Lisboa. Mas simultaneamente eu adoecei, e um medico civil e o medico militar não me reputaram em estado de me levantar da cama. Assim passei dois mezes. Até que, como chegam os telegrammas do ministerio da guerra, a requisitar-me, assim que me achei melhor e com forças para montar a cavallo, mandei arrear duas montadas, uma para mim, outra para o meu sargento, e dei Almeida, indo parar a Salamanca, e de lá a Madrid, onde nos conhecemos. Agora um episodio curioso: tempos depois fui preso e mettido no calabouço d'Almeida, um homem accusado de ser monarchico e conspirador. Chamava-se Pessoa, e está agora em Paris. O cabo commandante da guarda á cadeia, perguntou ao preso:—*«Então você veio preso por conspirador?»*—*«É verdade que sim.»*—*«Aqui d'Almeida, contou o cabo da guarda, tambem foi para Espanha um officia; era até o commandante do meu esquadro, o capitão Lobo. Não era um pessoa, mandou-me metter no calabouço, mas a bem dizer... elle tinha creção, mas o nosso commandante tem medo da gente, e levantou-me o castigo.»*

A incursão das Beiras

—E depois que o deixei em Madrid, o que foi feito de si? Conte lá essa odyssea da incursão das Beiras.

—A 26 de setembro de 1911 chegava a Monforte, depois de ter ido a Bilbao, muito contra minha vontade, por calcular que não aranjaria lá armas; a 27, de manhã, o capitão Jorge Camacho entregou-me uma carta do commandante de Paiva Couceiro, carregando-me de tomar a direcção do movimento das Beiras, em substituição d'outro camarada. Nesse mesmo dia parti, com José Fróes, escolhido para me coadjuvarem, para Ciudad Rodrigo, onde entrei com a manhã de 26. Ahí encontrei Tavares Prouença e por elle tive conhecimento de que ainda não havia uma arma. Segundo as indicações da carta do capitão Paiva Couceiro, eu devia entrar a 30 ou no dia 2 d'outubro, se recebesse um telegramma dizendo: *«Estou bom.»* Tavares Prouença poz-me immediatamente ao facto da Torreza que estava ficando do districto de Castello Branco, e verificou-se que, com um minimo de 200 armas, a victoria era infallivel.

Dei dois telegrammas para Madrid: um ao bacharel Alberto Pinheiro Torres, outro ao Domingos Megre, pedindo-lhes que me arranjassem as armas que a seu cargo estava arranjararem-me. Não contente com isso, despachei um proprio com uma carta para o sr. Pinheiro Torres: em que *pelo amor de Deus supplicava* armas, fôsem-de de que qualidade fossem. A noite trouxe-me a resposta ao facto da Torreza que estava ficando do caso. Mas a 23, á noite, chegava o dr. Domingos Megre e declarava-me que era impossivel arranjar armas, dentro do prazo indicado. Resolvi entrar custasse o que custasse, e, no dia seguinte, pelas 11 da noite, partia com Tavares Prouença, Antonio Graça e José Fróes, para Hoyos. O Megre resolveu voltar a ver se conseguia algumas armas, embora para uns dias depois. Eu, em todo o caso, expedira mais telegrammas

a Pinheiro Torres, pedindo-lhe que respondesse para Hoyos. Imagine o meu estado de espirito, sem a minha arma, absolutamente inutilisado, e vendo como tudo o mais se dispunha bem. Demais a mais, não reuebera o telegramma combinado, e estava portanto persuadido de que no norte tinham entrado a 30. Na madrugada de 2, chegam a Hoyos: Luiz Rebello Valente, o D. Luiz Leocasteo, o dr. Francisco Cruz, e o «Alma-Grande» que se haviam alistado para entrar comigo. Finalmente, a 3 d'outubro — a 31 —, recebi um telegramma do sr. Pinheiro Torres.

— Dizendo?...
— Estas palavras d'Extrema Urgencia: «Humanamente impossivel, ainda mesmo». Era o termo de qualquer esperanca: não tinha uma arma. Dahi a pouco outro telegramma do Megre: «Couceiro entrou hontem, a guarnição de Vianua do Castello adheriu».

— N'esse dia ainda o Couceiro estava no acampamento de Lublam, donde ia para o acampamento da serra da Sabonaria, donde, entao, entrava em Portugal, de 4 para 5, com direcção a Bragança, onde o Lima não nasce nem desagua.

— O Megre transcrevia um telegramma de Madrid.

— Bem sei

— Muito surprehendido que o capitão Paiva Couceiro tivesse entrado a 2, sem eu ter recebido telegramma que d'isso me avisasse, expuz aos rapazes a situação: «eu receberia a missão de levantar os praos das Beirras; ficarem de me montar armamento, e nem uma caçadeira, nem uma foga, nem uma foga; eu não deixava por isso de cumprir, como podessa, a minha missão, pois que quando aceitava qualquer missão, em que houvesse risco, tive sempre por norma ir até ao fim, mas eu ia para a fronteira e para Portugal, que eu ia para a fronteira e para Portugal, mas eu ia para a fronteira e para Portugal».

— Ah! sim... Esta rapariga já me estava contendo com os nervos.
O marido della fora o cigarro, aproximase, solta os colchetes já presos, e começa a tarefa:
— Em cima primeiro aconselha Emilinha.
— Deixa-me cá... Verás como eu arranjo isto depressa.
Em qualquer outra occasião Emilinha complementaria as cousas, mas n'aquelle momento — talvez porque vagamente se sente em poder do marido — não responde nada.
— Ha primeiro o corpe de debaixo. Viza?
— Vi, sim... Mas está quieta... deixa lá agora o cabelle. Se te mexes assim, não ha meio...

— O marido falla com autoridade, — a sua autoridade de que habitualmente não se utiliza. Mas n'esse momento sabe-se indispensavel, e então aproveita-se, e eboardemente. Sente tambem um certo orgulho em fazer aquilo mais depressa e melhor que a creada de quarto. Por um triz que se não volta para o lado da creada a dizer, com fingida modestia:
— Vê?... Não é nada difficil.
Mas a creada de quarto, que é afinal creada para todo o serviço, já se foi para a cozinha.
E elle continua na tarefa. Ha o corpe de baixo, depois ha umas fitas, para ajustar, e ha colchetes supplementares, e ha outros que, volucramente, se occultam entre as rendas... Mas elle vai seguindo, pausadamente, methodicamente, e a cada momento espera que Emilinha, maravilhada, lhe manifeste a sua admiragão.
Emilinha pergunta:
— Encontras?
— E' claro que sim...
E continua. Emilinha começa a dar alguns signaes de impaciencia. Só faltam dois... Só falta um... Promptol... E o marido indifferente:
— Acabel... Está bem?
Emilinha olha-se no espelho por cima do hombro.
— Está muito bem.
O marido senta-se de novo, acende outro cigarro e declara:
— Tambem a cousa não era tão difficil como isso. Eu sou um homem, nunca acolcheteira esse vestido, e comtudo não levei quasi nenhum tempo.
Quería cumprimentos, o tributo de admiragão satisfeito a que lhe davam direito a sua habilidade e a sua compleiencia. Como que uma validade o invade, o orgulho das coisas futeis dispersa n'elle mil recordações da sua vida de rapaz e como que um vago desejo de confidencias. Como Emilinha não diz nada, elle observa:
— Eu dava uma boa creada de quarto. De resto esse vestido não é difficil de acolcheteir... Ha alguns que são tremendos...
— Ah! sim... Mas os meus são sempre muito simples...
— Sim, os teus, mas n'outros tempos conheci dois ou tres... Era preciso ser-se um artista...
Falla ainda...
Emilinha imperceptivelmente irrita-se. Como está com pressa, não responde nada, digna-se mesmo sorrir aquella evocação da vida de solteiro.
Elle continua fallando sempre... Dir-se-lia que ella o não ouve...
Mas amanhã, mas hoje mesmo, ao voltar para casa, a proposito seja lá do que for, de nada mesmo, resposta fulminante a qualquer timida observação d'elle. Emilinha atirar-lhe-ha á cara, — pois, sem o parecer,

dió e de Soveral e os embaixadores da Russia e da Austria-Hungria. El-Rei D. Manoel acompanhou o Rei de Inglaterra, depois do banquete, a um grande concerto de amadores de musica.

— Sua Magestade a Rainha D. Amelia honrou com a sua presença, no dia 24 de fevereiro, a Royal Amateur Art Society inaugurando a exposiçào annual d'essa Sociedade onde adquiriu alguns objectos e distribuindo as medalhas aos artistas premiados. Sua Magestade a quem os assistentes fizeram um acolhimento muito carinhoso e que a todos deixou captivados com a sua conhecida gentileza foi almoçar depois com a duquesa de Somerset, directora da sociedade, no palacio ducal de Grovesnar-Square.

QUADROS Á PENNA

Havia já um bom pedaço que a creada tentava acolcheteir o vestido novo da Emilinha.
Sucessivamente a rapariga puzera-se de pé, acolcheteira-se, voltára-se para a esquerda, inclinára-se para a direita, e não conseguira nada.

O marido olha, interessado primeiro, trocista depois. Por fim, levanta-se:

— Deixa lá isso, Justina... Eu acabo de vestir a senhora...

Emilinha sorriu, feliz, desafogada.

— Ah! sim... Esta rapariga já me estava contendo com os nervos.

O marido della fora o cigarro, aproximase, solta os colchetes já presos, e começa a tarefa:

— Em cima primeiro aconselha Emilinha.

— Deixa-me cá... Verás como eu arranjo isto depressa.

Em qualquer outra occasião Emilinha complementaria as cousas, mas n'aquelle momento — talvez porque vagamente se sente em poder do marido — não responde nada.

— Ha primeiro o corpe de debaixo. Viza?
— Vi, sim... Mas está quieta... deixa lá agora o cabelle. Se te mexes assim, não ha meio...

— O marido falla com autoridade, — a sua autoridade de que habitualmente não se utiliza. Mas n'esse momento sabe-se indispensavel, e então aproveita-se, e eboardemente. Sente tambem um certo orgulho em fazer aquilo mais depressa e melhor que a creada de quarto. Por um triz que se não volta para o lado da creada a dizer, com fingida modestia:
— Vê?... Não é nada difficil.
Mas a creada de quarto, que é afinal creada para todo o serviço, já se foi para a cozinha.
E elle continua na tarefa. Ha o corpe de baixo, depois ha umas fitas, para ajustar, e ha colchetes supplementares, e ha outros que, volucramente, se occultam entre as rendas... Mas elle vai seguindo, pausadamente, methodicamente, e a cada momento espera que Emilinha, maravilhada, lhe manifeste a sua admiragão.
Emilinha pergunta:
— Encontras?
— E' claro que sim...
E continua. Emilinha começa a dar alguns signaes de impaciencia. Só faltam dois... Só falta um... Promptol... E o marido indifferente:
— Acabel... Está bem?
Emilinha olha-se no espelho por cima do hombro.
— Está muito bem.
O marido senta-se de novo, acende outro cigarro e declara:
— Tambem a cousa não era tão difficil como isso. Eu sou um homem, nunca acolcheteira esse vestido, e comtudo não levei quasi nenhum tempo.
Quería cumprimentos, o tributo de admiragão satisfeito a que lhe davam direito a sua habilidade e a sua compleiencia. Como que uma validade o invade, o orgulho das coisas futeis dispersa n'elle mil recordações da sua vida de rapaz e como que um vago desejo de confidencias. Como Emilinha não diz nada, elle observa:
— Eu dava uma boa creada de quarto. De resto esse vestido não é difficil de acolcheteir... Ha alguns que são tremendos...
— Ah! sim... Mas os meus são sempre muito simples...
— Sim, os teus, mas n'outros tempos conheci dois ou tres... Era preciso ser-se um artista...
Falla ainda...
Emilinha imperceptivelmente irrita-se. Como está com pressa, não responde nada, digna-se mesmo sorrir aquella evocação da vida de solteiro.
Elle continua fallando sempre... Dir-se-lia que ella o não ouve...
Mas amanhã, mas hoje mesmo, ao voltar para casa, a proposito seja lá do que for, de nada mesmo, resposta fulminante a qualquer timida observação d'elle. Emilinha atirar-lhe-ha á cara, — pois, sem o parecer,

não perdeu uma unica das suas palavras.

— E' claro... A ellas fazem-lhes todas as vontades... a essas mulheres que te fazem acolcheteir os vestidos, como se não houvesse creadas para isso!

E elle então, o imprudente, torcerá a orelha... sem deitar sangue.

M. Leel.

UM POUCO DE TUDO

— Está em S. Paulo, Brazil, o sr. D. Miguel d'Assis Mascarenhas (Sabugal e Obidos).

— Teem estado no Porto os snrs. Visconde, de S. Gião.

— Vindo do Norte, já está em Lisboa o sr. Conde de Avillez.

— Já está no Funchal a senhora D. Luiza Grande de Vasconcellos.

— Acompanhado de sua filha, está em Pau, onde fixa residencia o sr. Dr. Manuel Paes de Sande e Castro.

— Parte segunda-feira para Paris a senhora Marquiza de Tancos.

— Tem estado em Pizi, Italia, o sr. Carlos Moser.

— Já regressou do Norte o sr. Conde Caria.

— Está em Lisboa o sr. D. Vasco Maria Cabral da Camara (Belmonte).

— Da sua viagem ao estrangeiro regressou hoje a esta cidade Mrae. Aturoa Reis proprietaria do Salão Parisiense, estabelecimento de chapéus de senhora á Galeria de Paris.

— Realisou-se antes d'hontem na egreja de La Concepción em Madrid, o baptisado de um filhinho da senhora D. Elisa Sellés Villas-boas e do nosso amigo e antigo collega do «Commercio de Barcellos» Dr. Joaquim Paes de Villas-boas.

Do neophito que recebeu o nome de Joaquim, foram madrinha, sua tia avó paterna, e padrinho seu avó materno.

CONCURSO HYPPICO

— Está marcada para amanhã a festa hyppica no Campo do Bessa, Porto, que está despertando bastante enthusiasmo.

PASSOS MANUEL

— Neste elegante cine, tem havido sessões, aos sabbados, muito animadas.

O serviço militar

Ha certas ideias, que, como as epidemias, fazem a sua applicação, tem o seu periodo agudo, decrescem depois e quando a gente mal dá por isso... passaram á historia.

E, quando, passados annos o investigador curioso vai constatando da sua existencia durante uma certa epocha, da sua influencia maior ou menor sobre a misera humanidade, não se pôde furtar a um sorriso quasi de commiseragão, quasi de incredulidade, e a dizer:
— Ora parece impossivel, como estas cousas tiveram forma...

E' o que se está dando com a reduçào do tempo de serviço na ffileira. Quasi vai a passar á historia!

E, cousa curiosa, já hoje se ouve fallar sem que isso pareça uma heresia ou uma desconchavada tolice, na permanencia á longo praso na ffileira: 4, 5 ou 6 annos...

Isto é, já se reconhece que para ser ser bom soldado é preciso tempo.

Quem o havia de dizer aqui — não digo mais... — ha dois annos!

Outro facto não menos curioso. E' de França que partiu a ideia da reduçào do tempo de serviço. Vae a Europa quasi em peso — a terrivel influencia do febrão, o periodo agudo da malarie...

— segue a França. Vae a França (agui-

lhoada bem o sabemos principalmente pelas deficiencias de effectivos provenientes de fraca natalidade) augmenta a permanencia. Vae a Europa em peso — ver-se-ha... — passa-lhe o febrão e volta á longa permanencia na ffileira.

A epidemia vae pois a passar. E temos ainda a doce e consoladora esperanca de que será em nossos dias, que voltaremos a ver soldados a valer, de verdade...

Soldados de verdade?!

Sim! Porque nós nunca consideramos soldados — na nobre, na completa accepção do termo — isso que para ahí vemos e que, por mal dos nossos peccados, fomos vendo, desde que viemos para a tropa.

Formar um bom soldado é uma cousa tão complexa — dizem-nos isto nos tempos omissos, desde os bancos das escolas — que de forma alguma se comporta nem com dois annos no serviço do activo, quanto mais com cinco semanas de balão, perdão, de instrucção.

Muito embora essas cinco semanas... (lá ia o balão) sejam judiciosamente completadas por manobrinhas e guerras-nhas de «repetição», em que morrem (de susto) muitas lagartas, em que se ouvein muitos silvos de apito, muitas vozes imperiosas «Oh! rapaz olha que estás a tirar como as nuvens» e... em que tudo volta ás suas casas, radiante, satisfeito e... sabendo tanto como d'antes...

Não! Ser um bom soldado, formar um bom soldado — não é nada d'isto!

Não é nada d'isto! Diziam-nos nos tempos omissos, que a base de toda a instrucção do soldado era a instrucção individual.

E esta individual visava não só a preparaçào moral do recruta, como a instrucção theorica nas casernas, como os preliminares da tatica de tableiro e exercicios de brilhantura (que digam o que quizerem são indispensaveis para se conseguir o aprumo inherente a todo o trouper, que se preze), como, e muito principalmente, a instrucção de campanha propriamente dita.

Escolas pequenas, bem enquadradas, recomendavam os regulamentos — aquelles estupidos regulamentos dos tempos omissos.

E recomendavam tambem que se procurasse ministrar ao soldado individualmente o maior espaço de tempo possivel, o que elle precisava de aprender.

E nomes, que eu já envolvo n'uma grande saudade (sem preocupaçõeas politica que sigam porventura) como os que foram meus commandantes de regimento e de companhia, não se cansavam de nos repetir, que o soldado, como uma creança, é preciso educar com desvelo, instruido methodicamente com cuidado, de modo a obter d'aquella maguifica materia prima, tudo quanto d'ella se deve obter.

E não é só durante os mezes de recruta, que o soldado aprende. As palavras prompto da instrucção, significam tão somente que a materia em bruto está debastada, prompta a ser trabalhada, burilada e aperfeicada.

E, para isto, 3 annos não são de mais.

Um soldado d'infanteria deve ser um sufficiente atirador — logo precisa d'uma cuidada instrucção preliminar de tiro e de avaliagão de distancias. O soldado precisa de saber o que é marchar, estacionar e combater, nos multiplos detalhes que estas palavras encerram na sua significação tatica e de campanha. O soldado precisa d'uma solida educaçào moral e d'um grande espirito de corpo.

O que tudo isto se não comporta é com vias reduzidas...

Como aspirante a official servi em Mafra — como era estúpida praxe dos tempos omissos — uns oito ou dez mezes. Dez mezes de constante instrucção, em que o soldado não era distraído de forma alguma para fóra da instrucção. Trabalhava-se e trabalhava-

SEMANA MUNDANA

FAMILIA REAL

Sua Magestade El-Rei D. Manoel que se havia dignado aceitar a eleigão como socio de honra com que a Royal Geographical Society, de Londres, votara a sua admissãõ, assistiu no dia 24 de fevereiro á sessõ solemne convocada como preito de homenagem á memoria do commandante Scott, da Armada Real Britannica, e dos companheiros d'este que perderam a vida no regresso da sua expediçào ao polo sul. Aberta a sessõ e antes de proferir o discurso commemerativo o presidente, Lord Curzon de Kedleston, antigo vice-rei das Indias, referiu-se em termos elevados á honra que Sua Magestade conferira á Royal Geographical Society accettando os seus novos socios na commemeragão d'aquelle acontecimento que, simultaneamente, registava um grande feito e uma grande perda para a Inglaterra e para a humanidade. El-Rei agradeceu o cumprimento em termos adequados que muito captivaram a assistencia.

— Sua Magestade El-Rei D. Manoel tomou parte, no dia 26 de fevereiro, em um banquete de 24 talheres que o Rei de Inglaterra deu em Buckingham Palace, ao qual assistiram, entre outras pessoas, os snrs. marquezes do Lavra-

Joaquim Leitão.

vase, pôde dizer-se de sol a sol, a valer, sempre ou quasi sempre no campo. O soldado sabia preparado no essencial, isto é, *prompto*... para no anno immediato continuar a proceder, continuar a praticar e ainda no outro seguinte, que não seria de mais.

Havia pessoal em abundancia: officiaes, aspirantes, sargentos. Por consequencia as *escolas* regulamentares de 8 a 9 individuos.

A fazer *mechor* aquelle mundo todo, officiaes, como o capitão Peixoto, o leandiro *Normal*, que é bem uma honra da infantaria portugueza e que amava a instrução do soldado, como se ama uma filha...

E o soldado não sabia completo. Precitava ainda de aprender e aprender muito.

Depois vinhamos para os corpos eramos promovidos a alferes e logo na primeira incorporação, a que assistiamos, era uma miseria! Falta de pessoal graduado, escolas enormes, um horror!

Em infantaria 2, durante um tempo (a instrução era por companhias) estive sóinho na instrução. Sargentos não havia. Cabos não havia. E n'esse anno a minha companhia — a 2.ª do 1.º — recebeu os retardatarios, galuchinhos que iam cahindo ás pinguinhas, hoje um, amanhã outro, etc.... Escusado será dizer que, apesar de toda a minha boa vontade, e como não tinha o *dom de ubiqüidade*, os pobres *retardatarios*, postos de lado, perdidos lá ao fim da parada, agora instruidos por um, amanhã por outro, logo pelo cabo quarteleiro, depois pelo fachina das luzes, que eu quasi implorava para irem dar umas *vosezinhas* áquelles desgraçados... ficaram n'um liudo estado...

Chamavam-lhes no regimento os *filhos das hervas*...

A instrução de dois annos pois não chegava, como não chega aqui em Franca, como eu vi que não chegava em Hespanha, como não chega em paiz algum do mundo.

Mas se a instrução dos dois annos não chegava nem com pouco pessoal, nem com muito pessoal — o que fará a tal decantada *miliciania*, de via reduzida.

Deve ser maravilhoso! Eu calculo e sei bem como ella se dá...

O pessoal cada vez mais reduzido, escolas enormes, tudo a *marche-marche*, de *pé no estribo*, como o arabe, porque é preciso que se diga que os *meninos* aprendem bem e depressa, porque é preciso ler exercitios de *n+1* mil homens...

Eu sei bem, como isso se faz. Estive

4 annos, quasi consecutivos na instrução das 2.ªs reservas e conheço bem, como se preparavam *clarinhas* para o *Quo Vadis* final. Oh! se sei...

A nossa infantaria deve estar cousa fresca...

E' uma infantaria da qual se poderá dizer, como aquelle impedido dizia, dos actores, que representavam n'um beneficio a que elle tinha ido com bilhete dado pelo patrão:

«Saberá Vossoria que lá para *paizanos* não trabalham mal...»

Aqui vêm-se nomes como os dos generaes Michal, Tréméau, Lacroix, Bonnal, Duchesne, a apoiar a these patriótica do general Mitrot, mostrando a verdadeira necessidade de se voltar ao serviço de tres annos. Não é só, podem crer, pela questão da natalidade. E' porque vêm que em menos de tres annos não se instrue, a *sério*, um soldado. E' porque além de *grandes effectivos* a Franca precisa ter *solidos effectivos*, cheios de cohesão.

Ainda hoje o general Michal conta o seguinte, a respeito do fallecido general Hagron, e que vae na propria lingua para não perder o sabôr:

«Ce chef éminent, de grand caractère, de haute conscience, ne jugea pas pouvoir conserver les responsabilités, qu'il avait envisagées jusque-là avec la plus confiante tranquillité d'esprit, lorsque en 1907, le Parlement obtint du Gouvernement le renvoi anticipé de la classe faisant à ce moment sa troisième année de service. Il se démit de ses fonctions qu'il eut pu exercer encore pendant plus de deux années.»

Não admira: O general Hagron era um espirito retrógrado e cheio de obscurantismos...

Mas a Franca vae sacudindo o seu torpôr, que lhe custará a vida, se o não sacudir de vez... E os signaes no Ceu não enganam: as influencias eleitoraes passarão certamente para segundo plano, perante os 800.000 germanicos, que se preparam *au delà des Vosges* para o gigantesco *Drang nach Westen*...

Tenente Saturio Pires.

Republica e Monarchia

Como «Emancipador do Individuo», poderia theoreticamente o regimen republicano, sem heresia doutrinaria, ter-se apresentado ao Povo. Como «Salvador da Patria», nunca.

Visto que o desenvolvimento logico, dos principios fundamentaes republica-

nos, vae desembocar, directa e fatalmente, na dispersão das energias, e na inconsistencia e na instabilidade da acção dirigente, — conforme os acontecimentos o estão demonstrando, — em vez de procurar, — como a salvação publica o requer, — a mutua conjugação, e reunião, das forças nacionaes, — tão varias d'intensidades, tendencias e côres, — n'um unico raio branco, — manejavel e dirigivel sobre os objectivos da politica geral, — como são manejaveis e dirigiveis, sobre os alvos do tiro, os projectores luminosos dos modernos navios de guerra.

Isto no lerão da discussão, segundo o espirito das instituições.

Na pratica, existem, sem duvida, republicas para todos os gostos, desde as antigas do Rio da Prata, Paraguay, e outras do Novo Mundo, com a sua historia accidentada de agitações, tyrannias e violencias, até ás da Suissa e Estados Unidos da America do Norte, cujo liberalismo civilizado ninguem se lembraria de contestar.

A Suissa, todavia fez-se com suissos que se não decretam. E, semelhantemente, os Estados Unidos nasceram de uma colonização especial, onde a difficil aprendizagem do «Self-government» pôde exercer-se em boas condições de meio. O Brazil, pelo muito que nos toca de perto, e por outras circunstancias especiaes, detal-o-hemos para outro dia.

O que é affirmar-se que, d'um modo geral, pôde affirmar-se que o regimen democratico não tem feito a felicidade das raças latinas na America. E verifica-se mais que as epochas de paz, com as prosperidades annuax tem correspondido, em varios casos, ás iniciativas fortes de Presidentes, que assumem por autoridade propria, poderes de Reis, ou d'Imperadores. Haja vista Porfirio Dias, e o seu governo na republica federal do Mexico, desde 1876 até 1911.

D'onde, — salva a minoria das excepções, — poderia concluir-se que o regimen republicano só funciona bem, do outro lado do Atlantico, quando toma para si um certo numero de regras e de formas d'essencia monarchica.

O que affinal não é mais do que a traducção americana, sob um outro aspecto, do phenomeno, corrente na Europa, de acabarem as republicas pelo regresso á monarchia, como succedeu á republica ingleza do seculo XVII, á franceza do seculo XVIII, e ás republicas franceza e hespanhola do seculo XIX.

E' que já Voltaire dizia:

«On peut assez longtemps, chez notre espèce, fermer la porte à la raison, mais dès qu'elle entre avec adresse Elle reste dans la maison, Et bientôt elle en est maîtresse.»

E a Franca actual não escapa a essa mesma ordem d'ideias. Antes da recente eleição Poincaré, publicou o «Temps» uma longa serie de cartas politico-historicas, que são significativas por reflectirem uma grande e poderosa corrente d'opinião publica.

A republica franceza é democratica d'espirito, parlamentar d'estructura. E funciona por forma que se tornou ficticia a regra fundamental da Separação dos Poderes, resultando a preponderancia do parlamentarismo.

«Sombras de Governo», — diz a critica, — occupam o lugar do executivo. E o proprio poder judicial, — salvas honrosas excepções pessoais, — encontra-se purificado pelo methodo republicano, que é como quem diz, escravizado ao poder politico dominante.

Effectiva-se, em resumo, a concepção jacobina da «Convenção» omnipotente, e, ao absolutismo de um rei, substitue-se o absolutismo de muitos pequenos despotas, absorventes e sectarios.

E o bom senso, e o instinto da conservação, começam a despertar, e a sentir que no alto da abobata lhes falta uma chave, isto é, um chefe, que desempenhe, de facto o papel de quarto Poder, superior e regulador, representando, — não um regimen, — não os partidos d'esse regimen, — mas a propria Patria, e o conjunto dos seus mais altos interesses, collectivos e vitaes.

? Mas como é que um Presidente pôde satisfazer devidamente a esses pontos de vista, se os proprios classicos da litteratura politica dizem que *ao chefe eleito* (o Presidente da Republica), *representando, elle mesmo, um partido a que deve tudo e cujo auxilio lhe poderá ser necessario ainda depois de terminada a sua magistratura, se torna, naturalmente, em face d'esse partido, muito antes um instrumento, do que um guia, tanto mais que, sob a forma republicana, não são, em regra, os homens de primeira eminenca que ascendem á hierarchia suprema.*

E ao deficit da «dependencia» acresce o da «instabilidade», envolvendo consigo a quebra do seguimento na directiva dos negocios, e o enfraquecimento das sancções da responsabilidade, e dos incentivos da actividade, inherentes á permanencia.

Reparem os leitores no exemplo da Inglaterra por ventura o mais livre dos paizes do mundo. Reparem no seu poder crescente sob a dynastia do Hannover, apesar da relativa insufficiencia d'alguns dos membros d'esta. Reparem, sobretudo, no papel contemporaneo da Rainha Victoria, e do Rei Eduardo VII, — exercendo, dentro dos seus direitos

Esses dias em Cascaes não me divertiam nada.

A Chica todo o dia se agarrou ás amigas aos segredinhos e todas as noites á sahida do Sporting, que tinha um aspecto triste de palacio desabitado onde os donos tivessem ido passar alguns dias, me impingia uma enorme quantidade de medalhinhas que as amigas lhe affirmavam ser indispensavel á causa que toda a gente usasse, o que eu já começava a desconfiar ser esperzeza de algum commerciante desejo de compensar por alguma forma a diminuição da venda de luvas e de rendas, apoz a proclamação da Republica.

Alem d'isso em Cascaes a Chica não me fallava á noite, e eu, saudosos da janella do rez-do-chão de Lisboa ficava-me muitas vezes a olhar as janellas do segundo andar em que ficava o quarto do hotel em que ella se hospedava n'aquelles dias de convivencia com as incompativeis que n'aquelle exilio a meia hora da cidade e comboys de vinte em vinte minutos affirmavam altivamente a sua fidelidade ao regimen cahido.

Felizmente a Chica não aguentava e por muito tempo aquella estopada e passados alguns dias regressava de novo a Lisboa, onde então, ás noites, me era dado ir acompanhando com beijos na sua bocca adoravel, o fado, com variações da *Portugueza*, que n'uma guitarra, n'uma taberna proxima, um fadista qualquer tocava, exactamente como, ás vezes, no club de Cascaes, a Micas Noronha, n'uma guitarra tambem, dedilhava o mesmo fado, mas com as variações do *Hymno da Cartá*.

Anselmo.

12 FOLHETIM DE «O CORREIO»

A CHICA

EM CASCAES

Depois da revolução um grande numero de familias da roda da Chica tinham resolvido ficar em Cascaes, como pretexto contra o facto da cidade de Lisboa ter proclamação a Republica.

A Chica viera para Lisboa, não porque approvasse o procedimento incorrecto da capital do reino, mas porque o Cazuza, que estava atrazado nos estudos, não só por ser muito estúpido, mas tambem por ser muito mandrião, precisava estar perto do Iyecu cujo professorado tinha a seu cargo fazer entrar n'aquella cabeça o conhecimento de todas as cousas necessarias para que elle no futuro pudesse ser... um amanuense com o curso de direito ou de engenharia.

Alem d'isso a Chica não se sentira seduzida com a perspectiva d'um longo inverno passado nas ruas tortuosas de Cascaes, longe do bulicio da cidade, tendo a admirar-lhe a graça do seu sorriso, o brilho dos seus olhos, o vermelho dos seus labios e o airoso das suas ancas, a meia duzia de homens, que, por economia, por *snobismo* ou por... medo, passariam ás tardes pela alameda da cidadella ou pela estrada da Bocca do Inferno a sua ociosidade.

A Chica, creio já tel-o dito, não era ra-

pariga que julgasse poder privar o seu semelhante do prazer diario de a desajear. Para ella um dia que se passasse sem que sobre a freadura do seu rosto ou a opulencia do seu seio sentisse ardentemente pouso um olhar, faiscente de desejos, ou era um dia sensorioso, como que uma *sandwich* sem mostarda, uma sessão da Camara sem chinfirim, um artigo do *Mundo* sem injurias, ou um discurso do sr. Antonio José d'Almeida sem tollices, quer dizer, era uma cousa anodyna, incaracteristica, sem cunho.

A Chica era naturalmente preversa, d'uma preversidade expontanea, inconsistente, quasi. Nasceria assim, e assim seria quer toda a vida passasse na solidão austera de um claustro ou no tranquillo isolamento d'um casal em meio da serra, quer toda a vida sbrandasse nas reuniões pectas de meia duzia de familias burguezas.

Aquella convivencia com as numerosas primas e os infinitos primos que as Pamplonas lhe tinham descoberto quando, depois da morte do pae, a tinham ido buscar, em memoria da mãe, ás patuscadas do club do Faço d'Arcoos, apenas tinham feito com que tomasse o aspecto de *propósito*, o que na realidade era *instincto*.

Nenhuma responsabilidade, nobremente aqui o attesto, cabia pois aos primos e ás primas, cantadoras de *fado* nas *soirées* elegantes e heroínas de brejeirices escandalosas nas praças *chics*, na preversidade da Chica. Aquillo n'ella era do sangue, como umas borbulhinhas que algumas vezes lhe appareciam na ponta do nariz e como acellias furias que de vez em quando a atacavam e que a levavam a chamar estu-

pida á tia, que o era, burro ao irmão, que tambem o era, e imbecil a mim, que o não era, como de resto o prova o ter a Chica casado com o primo Noronha.

A tia quando a via n'aquellas furias, encolhia os hombros, resignada, e limitava-se a dizer:

—Ai! filha és tal qual a tua mãe!

E quando ella dizia isto tinha-se a impressão de que o seu espirito fugia em busca do espirito do senhor seu nua, vagueante em parte incerta, para n'elle encontrar o conforto e a consolação que lhe permitissem aturar com paciencia á sobrihiza tudo aquillo que o mano aturára em vida á malhar.

Não pudera nem quizera pois a Chica passar o inverno em Cascaes, mas logo que o irmão tinha umas ferias ou que em Cascaes se realisava qualquer festarola com que as protestantes entendessem arejar o espirito recoilhido por demasiados dias successivos na passividade do seu protesto, lá marchava a Chica para Cascaes, com o Cazuza, a tia, e... claro está... o Anselmo, este desolado Anselmo, que sempre emburrrou com Cascaes e que recordava saudoso, sempre, as pagodeiras do Club d'Arcoos, nos bons tempos em que toda a colonia ia á estação ver o sr. Petra Vianna, de chapau alto, metter-se no comboio para Cascaes a cumprimentar Suas Magestades porque tinha chegado, partido, feito annos, adoecido, melhorado ou tornado a adoecer, e o sr. Hygino de Mendonça que tinha sempre á mão a farda de grande gala, não lhe fizesse o sr. Petra Vianna a partida de cumprimentar Suas Magestades mais vezes de que elle.

constituições, uma influencia, tão discreta, como absolutamente salutar e benéfica, sobre o andamento das causas publicas, — attentos, vigilantes, sollicitos, trazendo, por assim dizer, para o cume de toda a machina politica, uma condensação pessoal do proprio povo inglez, collocado de sentinella á gerencia dos seus interesses.

Reparem e concluam.
E, depois de concluir, quiza nos seja possível objectarmos respeitosamente aos illuminados apóstolos do demagogismo maçónico portuguez, que afinal, a monarchia hereditaria talvez possa considerar-se uma forma de governo dotivamente defensavel. E que, talvez mesmo, dando elles licença, se possam reunir, sem grandes arrabaldellas reciproas, as qualidades do monarchico, e de patriota ferrenho.

Isto em theoria.
Porque, se encararmos o concreto de Portugal, as conclusões teriam d'ir um tanto mais longe.

Teriam d'ir até ao ponto de affirmar-lhes que, — se ha hypotheses em que esse problema da escolha de regimen pode realmente dar occasião, justificada, a um debate comparativo, conforme succedeu na *democratica* Noruega, — ha outras hypotheses em que o debate contradictorio nem chega a ter cabimento.

Porque ha hypotheses em que a monarchia apparece como uma *função necessaria*. Por exemplo, quando se trata de pôr limites aos excessos de uma anarchia que ameaça subverter a existencia de um Paiz.

Não sei se nos fazemos comprehender.

Apesar de não estarem n'esses casos, os noruegueses resolveram-se pela monarchia. Visto que *nós* o que queremos (explicava uma carta publicada no «Tempo» de 18 d'Outubro de 1905) é *uma situação internacional, amizades estrangeiras que deem sahida á industria, e desenvolvimento aos negocios. Um principe dinamarquez no throno, é a amizade ingleza, e a amizade dinamarqueza, asseguradas, é a neutralidade allemã, é uma corte em Christiania, são capitães inglezes, é uma monarchia vigilante pela dignidade nacional. E o desejo de tranquilidade vem juntar-se a esses outros motivos.*

Assim pensou a *democratica* Noruega, muito embora se não encontrasse na tal hypothese particular, em que a monarchia apparece como uma *função necessaria*.

E nós que pensaremos?

Henrique de Paiva Couceiro.

AS CADEIAS DA REPUBLICA

Padre Avelino de Figueiredo

Os vencidos de 1910 tem soffrido em vinte e nove mezes o que os seus adversarios não soffreram nos vinte annos que veem de 1890 até á escalada do poder.

Grandes, maiores em tudo, os monarchicos tinham direito á essa grandeza na desgraça.

Nestes vinte e nove mezes tem-se sacrificado interesses, carreiras, vidas.

Todo o sacrificio, todo o soffrimento é respeitavel.

Mas o que mais nos commove, e que faz a tristeza nossa inseparavel companheira, é o martyrio dos presos.

O stocismo com que tem supportado o carcere a penitenciaría, os enxovalhos, as cobardes aggressões ao passarem de cadeia em cadeia — tanta vez narradas pelos jornaes *gros bonets* da republica —, a illegal perseguição de longos e negros mezes de detenção, sem culpa formada, a nobreza, a serenidade, a dignidade do soffrimento eleva

os presos monarchicos, de todas as cathedricas sociaes, ás lendarias proporções dos martyres da idéa.

D'essa martyrologia destaca-se, como decano dos perseguidos e exemplo do heroismo no soffrimento, o Padre Avelino de Figueiredo.

O primeiro a experimentar a *liberdade* que a republica implantou em Portugal, o Padre Avelino de Figueiredo foi dos ultimos a ser pronunciado a ser julgado, embora dos primeiros a ser condemnado pelo odio sectario dos seus carcereiros.

Desfilaram pelos tribunaes civis e marciais accusados de duas tentativas de contra-revolução; encheram-se e esvaíram-se as enxóvias de todo o paiz, umas poucas de vezes; houve prisioneiros que entraram a Penitenciaría de Coimbra, emigraram, voltaram, foram outra vez presos, encarcerados na Penitenciaría de Lisboa, affiançados, — e o Padre Avelino de Figueiredo sem sequer ser pronunciado.

Dois annos, dohados dia por dia, se arrastaram assim para o primeiro e o maior dos martyres, dois annos em que o carcere é nada comparado com a crueldade dos carcereiros.

Admiramos, mas não nos surpreendeu a resistencia moral d'este homem; do que ainda não paramos de surpreender-nos é da resistencia physica que o Padre Avelino de Figueiredo tem encontrado para o seu martyrio, vivendo a noite dos segredos, a vigilia visquenta dos ratos que lhe disputam a agua e o pão secco, o pesadello dos subterraneos alagados da infiltração dos esgottos, praticando para a cegueira, para a tuberculose e para a loucura.

Os mutilados do campo de Chaves soffreram menos; acabaram mais depressa, e sem a ameaça da loucura.

Na cabeça do rol dos Martyres de Hoje sempre fóra nossa intenção escrever o nome do Padre Avelino de Figueiredo.

A nossa homenagem tinha de começar por elle, que foi quem começou a prelihar o martyrio.

Estavamos na pungente tarefa de reconstituir este sagrado livro d'ouro dos tormentos dos presos monarchicos, quando nos envevou a vista e o coração uma carta do Padre Avelino de Figueiredo, dirigida á *Revista Catholica* de Vizeu.

Não queremos esperar pelo momento, que não vem longe, de começarmos esta galeria das *Cadeias da Republica*, para transcrever este dignissimo e commovente documento:

...Rev.^{mo} Sr. e meu presado amigo

Lisboeiro, «grupo A» 15-2-1913.

Acabo de ler na *Revista* uma referéncia á minha humilde pessoa, o que eu muito reconhecido venho agradecer a V...

Fui condemnado em pena maior que a maior parte d'aquelles que pegaram em armas contra a republica, com a agravante de ter perdido a saude em dois annos de prisão, que não são levados em conta...

No julgamento patenteou-se a minha completa innocencia, o que não impediu que as *chafaricas* atheas me condemnassem.

Sou um presidiario com a coragem e sangue frio preciso para supportar os horrores que no futuro me esperam.

Poderá a minha saude, já bastante abalada, não permitir que cumpra toda a pena; mas d'isso não tenho eu culpa.

Do que V. pode ter á certeza, é que eu saberei morrer e cumprir o meu dever até ao ultimo momento da minha vida. O meu espirito está tranquillo e calmo; sem um desajustamento, sem uma tibieza, sem um remorso.

Alguns tinham de soffrer para bem da patria e da religião. Combate-me por sorte ser o escolhido. Deus seja bendito!

Discipulo e ministro de Jesus, n'elle irei haurir forças para a grande luta, e d'elle tirarei a resignação e a coragem, que levou tantos santos ao martyrio.

Os meus amigos e conhecidos, que não me chorem; não o mereço; mas que fiquem scientes, que ninguém actualmente soffreu tanto e tão atrozmente, como eu; no entanto o sorriso nunca deixou os meus labios, a alegria nunca pôz escritos no meu coração.

Os meus julgadores ficaram confundidos com a serenidade do meu espirito e das minhas respostas. Como n'essa occasião me lembrei da condemnação de Jesus!...

Para nada faltar, havia a plebe ignara e in-

fame, que até trazia os *bonets* na cabeça dentro do tribunal!...

Quando se fizer a verdadeira historia do presente, ver-se-ha muita cobardia, muita traição, muitos julgadores com responsabilidades eguaes ás dos reus; mas sobresahirão, por honra da justiça, alguns caracteres, embora poucos, de primeiro quilliste e dignos de ser imitados nos seus sacrificios, na coragem e resignação.

Uma unica coisa eu lamento — meu pobre pae, de quem eu era o sustento, que vai morrer de fome. Deus assim o quizer, cumprase a sua vontade.

Dê por mim um abraço ao Alfredo, faça d'esta o uso que quizer, e creia-me seu amigo,

muito obrigado e creado
Padre Avelino de Figueiredo.

Toda a elevação que a desgraça e a conformação em o soffrimento pode inspirar a um homem e a um sacerdote se contem n'essas laudas.

Na historia politica d'este periodo, na historia mesmo da litteratura, essa carta do Padre Avelino de Figueiredo hade ficar junta a outros trechos em que se sente a alma humana a ser feliz por ter privado com as sublimidades do soffrimento.

Acatamos o voto do Padre Avelino de Figueiredo aos seus amigos e conhecidos: não o choramos.

Respeitamo-lo.

A nossa commoção não a podemos, porém reprisar quando chegamos á sua unica lamentação: o pobre pae de quem o Padre Avelino de Figueiredo era o sustento.

Como não somos ricos, temos a comprehensão de todos os tormentos dos pobres, e sabemos por isso que esse homem, que só tem pessoalmente pena se não tiver vida para ir até ao fim do seu martyrio, — uma unica consolação nos accetará: que lhe digamos que o seu velho Pae não morrerá á fome.

Den-nos o Padre Avelino de Figueiredo a alegria de encontrar forças para supportar o muito que a sua pena lhe promete, mas que será nada comparado com o que já soffreu, e parece-nos que será preciso, que em Portugal não haja quem tenha coração e caracter para que seu Pae haja de morrer á fome.

J. L.

Carta de Lisboa

No tribunal militar especial onde, á hora em que escrevo, estão sendo julgados como conspiradores, tres cavalheiros conhecidos e estimados em todo o paiz, distinctos todos, cada um na esphera da sua acção social, tem-se repetido com uma insistencia reveladora do estado anarchico em que se encontra a capital, scenas curiosas que os jornaes pormenorizam a proposito do depoimento das testemunhas de accusação. Por esse facto, pela situação individual de cada um dos reus, e especialmente pela justa fama forense e politica que illustra o nome de dous dos advogados, os srs. drs. Cunha e Costa e Alexandre Braga, a verdade é que o publico tem hoje a attenção presa d'essas audiencias, aguardando com manifesta ansiedade o seu desfecho.

As peripécias succedem-se n'um crescendo assustador. Começaram com a má vontade dos accusadores em responder concretamente ás perguntas dos advogados, continuaram com a intervenção extemporanea e condemnavel do publico, n'uma attitude hostil á defeza, e foram até á ameaça pessoal, á sahida do tribunal, sem que apparecesse sombra sequer de repressão policial. Quer dizer: mais uma vez se accentua o modo senão a conveniencia das autoridades n'esses desmandos sempre condemnaveis, e que entre nós tem assumido por vezes aspectos criminosos. E á furia faciosa da Jacobinagem ameaçadora já nem escapam os antigos idolos, e o sr. dr. Alexandre Braga se hontem sahio

ainda illeso da espera que lhe fizeram, tem de se acautelar de futuro, e de se defender sózinho, porque não encontrará por certo no estado actual da sociedade portugueza quem o proteja e o defenda.

A rua para a qual algumas vezes apellou o seu verbo inspirado, ahí a tem, rugindo improprios, vociferando injurias e brandindo bengalas e armas contra a sua liberdade e contra a sua intelligencia! Ahí a tem, ta! qual ella! E quando no silencio da sua banca de advogado recapitulou o seu passado politico, e se desvanecer da sua obra, lembre-se de que para a victoria dos principios que preconizava, de nada servirão nem a sua palavra quente, nem o seu talento tribunicio, nem a sua obra parlamentar, porque — lá lh'o disse um sujeito que ninguém conhece e naturalmente o illustre advogado muito menos — a Republica fez-se com o trabalho d'elle e não com o seu. Nada de illusões!

E quanto á intervenção do publico nos debates do tribunal, não é caso para S. Ex.^{as} se incomodar, porque esse publico não faz senão seguir o conselho que ainda não ha muito lhe deu um talentoso deputado — que o sr. Alexandre Braga conhece — de intervir nos debates do parlamento. Console-se, que não tardará muito que o passem, apesar desse conselho, a cathedria já respeitavel de Talassa, onde ha muito enfileirou o seu colega Cunha e Costa!

Mas muito mais serio do que essa intervenção, muito mais grave ainda do que as respostas irreverentes das testemunhas de defeza, são, quanto a nós, algumas das declarações feitas em pleno tribunal a juizes militares, reproduzidas depois nas notas tachygraphicas dos jornaes sem que ahí agora nem a policia nem o tribunal tenham intervido, investigando factos criminosos como os descobertos por essas declarações. Não haverá outro paiz, por certo, onde fosse permitida impunemente essa ameaça constante á imparcialidade de juizes que tem de dispor do futuro de homens honestos e respeitaveis! Revelou-se a existencia de uma sociedade secreta com armas envenenadas para se desfazer de adversarios! Preconizou-se como systema de castigo, o adoptado por Saveriano Peixoto! Chegou-se ahí a recomendar a chibata de preferéncia ao tribunal militar! Tudo isso se disse, tudo se fez, sem que ninguém tenha sido chamado á responsabilidade d'essas revelações que em toda a sociedade bem organizada representam pelo menos uma intenção criminosa! E diz-se e faz-se isto, symptoma da mais perigosa de todas as tyrantias que é a tyrania de todos e de cada um, certa da impunidade, n'um regimen constitucional, que se apregoava de liberal, e que tem por lemma irrisorio a egualdade e a fraternidade.

Quarta-feira, 5

Raul

P. S. — A's testemunhas de accusação seguiram-se até de madrugada ás de defeza. Muitas são pessoas insuspeitas para o regimen, e os seus depoimentos tiveram o merito de ser precisos e claros. Houve ainda, entre os antigos denunciadores, quem pretendesse negar as suas proprias declarações anteriores, o que forçou um official do exercito, de patente superior, a dizer para o Presidente do Tribunal: — «Um de nós, mente; entre os dous V. Ex.^{as} escolherá.»

O que no entanto ficou consignado, como precedente peor de que os depoimentos dos policias, em tempos que já vão longe, é que um sujeito pôde fingir-se amigo de outro, trahir-lhe os segredos, para depois o denunciar. D'antes isto tinha um nome muito feio. Hoje chama-se dar provas de bom cidadão.

Raul.

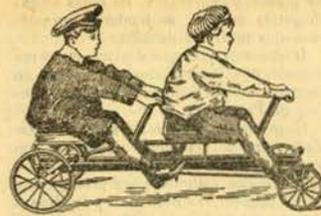
N. R. — Os reus foram absolvidos.

RECOMMENDAMOS
as excellentes e magnificas pennas

D. CARLOS I e D. MANOEL II
em bonitas caixas com artisticas photographias de Suas Magestades

Fabricação exclusiva dos fabricantes inglezes

D. LEONARDT & C.º
Vendem-se nas boas papelerias de Portugal



Pão de graça

Aos medicos, medicas, parteiras e hospitaes fornecemos o necessario para analyse e experiencia nos tratamentos dos diabeticos, dispepticos, tuberculosos e anemicos. O pão de *Gluten* é o mais leve e mais fino e tem sido empregado com optimos resultados.

Basta um simples postal para ser logo fornecido.

Unico concessionario em Portugal e Hespanha — Manuel J. Ferreira Valente. — Padaria Nacional — Rua de Liceiras, 140 e 144 (e suas filiaes).

Aos paes que velam pela saude de seus filhos, recomendo este aparelho, porque é tambem aconselhado pelos mais distinctos clin.c.s.

Bazar Esmeriz
CLERIGOS, 70

Dr. M. Forbes Costa
CIRURGIÃO DOS HOSPITAES

Antigo assistente das clinicas de Paris, Berlim, Londres e Vienna

Doenças genito-uritarias, venereas e syphilis

Diagnostico e tratamento da syphilis pelos processos mais modernos, especialmente pelo salvarsan (606) e neo-salvarsan.

Praça da Liberdade, 124-1.
Das 2 ás 5 horas
Telephone, 143

Heroes de Chaves
Nova marca de cigarros

Manipulados com finissimo tabaco havano suave

SUCCESSO COLOSSAL
Em todas as tabacarias
15 cigarros, 90 reis

“ADESIVOS E MAKAVENCOS,,
Chegou nova remessa d'estes magnificos bacios á casa

“AU BON MENAGE,,
81. Rua de Cedofeita, 85 Teleph. 942 — PORTO

Casa especialista no fabrico de colchões de arame, colchões de folhelho, la, crina e summauma

Unica colchoaria no Porto que possui um bem montado serviço de esterilisação e desinfeção pelo vapor sob pressao.

O proprietario,
Julião D. Monteiro

Fabrica de pregos e ferragens para malas

A unica no Paiz que fabrica todos os artigos para confecção de malas de viagem

PEDIR CATALOGOS E PREÇOS AO DEPOSITO

Rua de D. Pedro, 110-2.º

PORTO

Empresa Nacional de Navegação

PARA A COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguela, Mossamedes, e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguela, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Cabandel para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empresa

RUA DO COMMERCIO, 85 — LISBOA

Compagnies  de Navegation
Sud-Atlantique

Linha postal. Para Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 11 de Março o paquete *Burdigala*.

A 25 de Março o paquete *Diona*.

Linhas Commerciaes. Para Pernambuco, Bahia, Santos e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 1 de Março o paquete *Liger*.

A 1 de Abril o paquete *Garoupa*.

Para Bahia, Santos e Buenos Ayres com escala por Dakar.

A 19 de Março o paquete *Samara*.

A 16 de Abril o paquete *Sopuana*.

Para Bordes.

A 3 de Março o paquete *Samara*.

K. H. Lloyd (Hala Real Holandesa)

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos Ayres.
Para Vigo, Boulogne, Paris, Dover, Londres e Amsterdam.

Linha Cyp. Fabre & C.º

Para New-York, Providence e mais cidades dos E. Unidos da America do Norte.
Para *Marsilha*. A. 25 de Fevereiro o paquete *Roma*

Para carga e passagens e mais esclarecimentos trata-se com

OREY ANTUNES & C.º

No Porto

Em Lisboa

Largo de S. Domingos, 62, 1.º

Praça Duque da Terceira, 4.

CIMENTOS

NACIONAES E ESTRANGEIROS
POR GROSSO

Vantagens excepcionaes para grandes fornecimentos e contractos annuaes, etc.

J. WIMMER & C.ª
LISBOA

Magalhães & Moniz, L.ª

LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros

de ensino, arte, sciencias e letras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações

CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO

CASA FUNDADA EM 1873

11, Largo dos Loyos, 14 — PORTO